UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GERONTOLOGIA

NADIR APARECIDA MENEZES

**Ambiência em instituições de longa permanência para idosos (ILPI):
percepções de moradores e familiares**

São Paulo
2020

NADIR APARECIDA MENEZES

**Ambiência em instituições de longa permanência para idosos (ILPI):
percepções de moradores e familiares**

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Gerontologia.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em dia de mês de ano. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de Concentração:

Gerontologia

Orientador:

Prof. Dra. Maria Luisa Trindade Bestetti

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)
CRB 8-4936

Menezes, Nadir Aparecida

Ambiência em instituições de longa permanência para idosos (ILPI): percepções de moradores e familiares / Nadir Aparecida Menezes ; orientadora, Maria Luisa Trindade Bestetti. – 2020
76 f : il.

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo
Versão corrigida

1. Idosos - Aspectos sociais. 2. Instituições de Longa Permanência para Idosos. I. Bestetti, Maria Luisa Trindade, orient. II. Título

CDD 22.ed. – 362.6

Nome: MENEZES, Nadir Aparecida

Título: Ambiência em instituições de longa permanência para idosos (ILPI):
percepções de moradores e familiares

Dissertação apresentada à Escola de
Artes, Ciências e Humanidades da
Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Mestre em Ciências do
Programa de Pós-Graduação em
Gerontologia.

Área de Concentração:
Gerontologia

Aprovado em: 08 / 07 / 2020

Banca Examinadora

Profa. Dra. Helena Akemi Wada Watanabe
Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública

Prof. Dr. Emmanuel Sá Resende Pedroso
Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Profa. Dra. Samila Sathler Tavares Batistoni
Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades

Aos meus pais, e a todos que estiveram presentes nessa caminhada!

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, que estava sempre presente nessa trajetória, me guiando e colocando pessoas certas no meu caminho.

Agradeço aos meus pais, Vicente e Francisca, pelo amor incondicional, pelo apoio e incentivo em todos os momentos da minha vida, e por sempre terem acreditado em mim.

Agradeço aos meus irmãos Neide, Nelson, Nilson e Nilton pelo carinho e incentivo, por estarem sempre presentes.

Ao meu filho Luiz Otávio, pelas palhaçadas, pela ajuda, por estar sempre presente me estimulando e apoiando, e por dizer sempre “eu confio em você mãe”.

Aos meus amigos Claudia, Mariana, Ari, João, Adriana, Adir, Rose e em especial a Mariana Nascimento, que com todo seu amor me apoiou de todas as formas, minha eterna gratidão.

Aos professores da EACH, que merecem todo a minha admiração, que reforçaram em mim a paixão pela Gerontologia. Em especial, as professoras Ruth Melo, Andrea Lopes, Samila Batistoni, Beatriz Gutierrez, Meire Cachioni e Rosa Chubaci.

À minha orientadora, professora Maria Luisa Trindade Bestetti, que com grande mestria me ensinou e guiou nessa jornada, sempre muito carinho, atenção e disponibilidade, acreditando sempre em mim. Gratidão eterna!

Aos gestores e Diretores da Casa dos Velhinhos de Ondina Lobo e Residencial Albert Einstein que abriram as portas para que a minha pesquisa pudesse se concretizar.

Aos idosos e familiares que confiaram em mim e disponibilizaram seu tempo para colaborar com a pesquisa.

Amigos do mestrado, as Luluzinhas da Pós, Gisele, Lucila, Natália e Lilian, minhas fiéis companheiras.

“Para que a velhice não seja uma irrisória paródia de nossa existência anterior, só há uma solução – é continuar a perseguir fins que deem um sentido à nossa vida.”

(BEAUVOIR, 1990, p. 661)

RESUMO

MENEZES, Nadir Aparecida. **Ambiência em instituições de longa permanência para idosos (ILPI):** percepções de moradores e familiares. 2020. 76 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Versão corrigida.

Instituições de longa permanência para idosos (ILPIs) podem ser uma opção de moradia a pessoas idosas no contexto atual, vista a demanda crescente por cuidados de longa duração. A ambiência exerce grande influência sobre o bem-estar das pessoas nelas abrigadas, principalmente levando em consideração a percepção de idosos e seus familiares, sobre o que há pouca publicação no Brasil. A presente pesquisa buscou investigar esse aspecto em duas ILPI paulistanas que atendem públicos com características socioeconômicas bem distintas, considerando bem-estar, pertencimento e conforto ambiental. Participaram desta pesquisa transversal, descritiva, de cunho qualitativo, 20 idosos de ambos os sexos, com cognição preservada, e 20 familiares. Os dados foram coletados através de questionários e entrevistas face-a-face, que foram gravadas e transcritas em sua integralidade, e seu conteúdo analisado através da técnica de análise de conteúdo temático. Os resultados evidenciaram percepções positivas sobre os três aspectos, ainda que a ILPI A precise de melhorias com relação ao conforto ambiental. Os idosos relataram sentirem-se bem e pertencentes ao ambiente, considerando a instituição como sua casa. Os familiares se sentem seguros com relação ao idoso na instituição e reconhecem a qualidade do serviço prestado. Foram encontradas diferenças com relação ao vínculo familiar, pois na ILPI A os contatos e visitas dos familiares são esporádicos, enquanto na ILPI B são frequentes, o que proporciona uma relação próxima entre idosos e familiares. Considera-se então que não houve diferenças significativas nos relatos dos dois grupos, ainda que as instituições tenham recursos, estruturas e públicos diferentes, demonstrando que a ambiência é considerada satisfatória em ambos os casos.

Palavras-chave: Ambiência. Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Idosos. Família.

ABSTRACT

MENEZES, Nadir Aparecida. **Ambience in long term institutions for the elderly: perceptions of residents and family members.** 2020. 76 p. Dissertation (Master of Science) – School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2020. Corrected version.

Long-term care institutions for the elderly (LTCI) can be a housing option for a growing demand in the current context, given the growing demand for long-term care. The ambience has a great influence on the well-being of the people sheltered there, mainly considering the perception of the elderly and their families, which there is a lack of publication in Brazil. The present research sought to investigate this aspect in two LTCIs in São Paulo that serve audiences with very different socioeconomic characteristics, considering well-being, belonging and environmental comfort. 20 older men and women, with preserved cognition, and 20 family members participated in this cross-sectional, descriptive, qualitative research. Data were collected through questionnaires and face-to-face interviews, which were recorded and transcribed in their entirety, and their content analyzed using thematic content analysis technique. The results showed positive perceptions about the three aspects, even though the LTCI A needs improvements regarding environmental comfort. The elderly reported feeling well and belonging to the environment, considering the institution as their home. Family members feel safe in relation to the elderly in the institution and recognize the quality of the service provided. Differences were found in relation to family ties, since at LTCI A the contacts and visits of family members are sporadic, while at LTCI B they are frequent, which provides a close relationship between the elderly and their families. It is considered then that there were no significant differences in the reports of the two groups, even though the institutions have different resources, structures and audiences, demonstrating that the ambience is considered satisfactory in both cases.

Keywords: Ambience. Long-term care institutions for the elderly (LTCI). Elderly. Family.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
AVD	Atividades de vida diária
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
EACH	Escola de Artes, Ciências e Humanidades
ILPI	Instituição de longa permanência para idosos
LTCI	Long-term care institutions for the elderly
NBR	Norma brasileira
OMS	Organização Mundial de Saúde
RDC	Resolução da Diretoria Colegiada
SUS	Sistema Único de Saúde
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Instituições de longa permanência para idosos.....	16
1.2 A família e as moradias institucionais para idosos.....	17
1.3 O processo de institucionalização.....	18
2 A AMBIÊNCIA E OS AMBIENTES ENRIQUECIDOS	21
2.1 Desenho Universal	22
2.2 Ergonomia e acessibilidade	23
2.3 Conforto ambiental, bem-estar e pertencimento	25
2.4 Gerontologia Ambiental e principais teorias	27
3 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS	30
4 METODOLOGIA	31
4.1 Campo de estudo	31
4.2 Participantes	31
4.3 Instrumentos.....	32
4.3.1 Revisão de literatura.....	32
4.3.2 Entrevistas.....	33
4.3.3 Observação participante.....	34
4.4 Análise de dados	35
4.5 Questões éticas	36
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	36
5.1 As Instituições.....	36
5.1.1 ILPI A.....	36
5.1.2 ILPI B.....	37
5.2 Residentes	37
5.2.1 Sujeitos da pesquisa	37
5.2.2 Percepções da ambiência	40
5.3 Familiares.....	54

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS.....	65
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOBRE AMBIÊNCIA E PERGUNTAS ABERTAS PARA OS IDOSOS	69
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO COM PERGUNTAS ABERTAS PARA OS FAMILIARES	72
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	73
ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (EACH-USP)	74
ANEXO B – CARTA DE ACEITE DO RESIDENCIAL ISRAELITA ALBERT EINSTEIN.....	75
ANEXO C – CARTA DE ACEITE DA CASA DOS VELHINHOS DE ONDINA LOBO	76

APRESENTAÇÃO

A presente dissertação refere-se à pesquisa que foi realizada em duas instituições de longa permanência para idosos, localizados da Zona Sul da cidade de São Paulo, como cumprimento aos requisitos do Programa de Mestrado em Gerontologia das Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo, com o tema “Ambiência em instituições de longa permanência para idosos (ILPI): percepções de moradores e familiares.”

Minha trajetória profissional inicia-se pela graduação em Serviço Social (1986), realizada na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Trabalhei nessa área na Prefeitura Municipal de Astorga-PR por sete anos e meio, sendo dois anos como assistente social e cinco anos e meio como Secretária de Assistência Social do município.

Posteriormente, mudei para São Paulo para atuar como gestora na Associação Beneficente A Mão Branca de Amparo aos Idosos, uma instituição de longa permanência que atendia cerca de 110 idosos. Ao longo dos 23 anos que permaneci na instituição, também fui coordenadora do Fórum das Instituições de Longa Permanência para Idosos da cidade de São Paulo por 15 anos. Atualmente, sou membro do conselho gestor do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (OLHE), além realizar um trabalho voluntário colaborando com a administração da Casa dos Velhinhos de Ondina Lobo, instituição para idosos totalmente filantrópica.

A escolha por esse tema de pesquisa vem do fato de ter vivenciado este contexto de moradia institucional, despertando o desejo de compreender melhor como esse ambiente interfere no bem-estar dos idosos. Pude observar enquanto atuava que os idosos tinham seus lugares cativos, assim como mantinham vínculos com profissionais e companheiros preferidos e, que ao atender esses requisitos, eles se ficavam mais felizes, mais saudáveis. Havia salas de TV que poucos idosos gostavam de ficar, mas em outras brigavam por uma poltrona, e o mesmo acontecia em outros ambientes, provocando reflexões sobre os motivos que os levavam a buscar lugares significativos.

As atribuições burocráticas do dia a dia limitam os gestores e outros profissionais das instituições a estudar e compreender melhor essa dinâmica. Na

experiência profissional vivida na Mão Branca, por muitos anos realizei reuniões quinzenais com os idosos, juntamente com a terapeuta ocupacional e a assistente social. O objetivo era de ouvi-los e envolvê-los na gestão participativa da instituição, além de viabilizar e garantir seus direitos assegurados por lei, tornando-a um lugar melhor para se viver.

Esta dissertação apresenta-se com a seguinte estrutura: o primeiro e segundo capítulos trazem uma introdução ao tema das instituições de longa permanência (ILPI) e da ambiência, com base em uma revisão de literatura, apresentando um breve panorama das ILPIs no Brasil, a relação entre a família do idoso e a moradia institucional, o processo de institucionalização, e os elementos que concorrem para que estas ofereçam ambiências adequadas para seus moradores. O terceiro capítulo descreve a justificativa e o objetivo da dissertação apresentada. O quarto capítulo trata da metodologia de pesquisa utilizada e o quinto dos resultados e discussão dos dados da pesquisa transversal acerca da percepção dos moradores e familiares quanto a ambiência de ILPIs no que se refere ao conforto, bem-estar e senso de pertencimento nas instituições. Finalmente, o sexto capítulo traz as considerações finais acerca do tema e dos resultados obtidos.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para uma melhor compreensão da importância da ambiência dentro de uma ILPI e seus efeitos sobre familiares e idosos, demonstrando que aspectos subjetivos também interferem no cuidado e no comportamento das pessoas.

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional vem ocorrendo de forma acelerada e traz em seu contexto demandas e necessidades para atender as pessoas idosas. As moradias institucionais estão inseridas neste processo e gradativamente estão abandonando o antigo modelo asilar para construir novas formas de cuidar e abrigar as pessoas idosas, contemplando as necessidades atuais.

Na sociedade contemporânea as moradias institucionais, atualmente denominadas como instituição de longa permanência para idosos (ILPI), estão desempenhando um papel importante, ocupando uma lacuna diante das necessidades prementes das famílias, que dificilmente conseguem disponibilizar um membro da para o cuidar do seu idoso. A mulher, que historicamente assumia essa função, passa a adotar novos papéis, deixando de ser a cuidadora oficial por vários motivos econômicos e sociais (GISHITOMI et al., 2018). Duarte (2014) corrobora com essa questão relacionando a ampliação da demanda por ILPIs às novas composições apresentadas pelas famílias e seus novos papéis.

Mesmo que atualmente ainda prevaleça o estigma de que a institucionalização leva ao abandono ou isolamento dos idosos, Debert (1999¹ apud ALCÂNTARA, 2004) já refutava a ideia ao afirmar que, mesmo morando com a família, o idoso não está livre do sentimento de solidão e desprezo, vivendo muitas vezes em situação de vulnerabilidade. Dentro deste cenário a família ocupa um papel fundamental, pois encontra-se diante de grandes desafios para proporcionar cuidados ou realocar seus idosos para moradias institucionais.

As moradias institucionais atendem um público heterogêneo, com diferentes culturas e em diferentes contextos ambientais, porém nem sempre prezam pelo respeito à identidade e à individualidade de cada morador. Silva e Yamaguchi (2017) acreditam que a ILPI precisa acolher o idoso dentro do seu contexto, compreendendo que cada morador pode alterar o ambiente numa tentativa de adequação. Desta forma, é fundamental haver sensibilidade para atender as demandas e necessidades de cada morador, minimizando riscos e oferecendo bem-estar, conforto e segurança (ALVES et al, 2017). Silva e colaboradores (2019) corroboram com essa ideia ao

¹ DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: Socialização e processos de privatização do envelhecimento**. São Paulo: Edusp, 1999.

afirmar que as boas condições ambientais que estimulem o protagonismo e a participação favorecerão a independência, autonomia, autoestima e bem-estar subjetivo dos idosos, afetando sua qualidade de vida.

As condições ambientais interferem, portanto, no comportamento dos idosos. Ambientes amigáveis podem possibilitar a manutenção das atividades básicas e instrumentais de vida diária, da funcionalidade e da mobilidade. Dessa forma, Machado (2018, p. 21-22) complementa essa ideia afirmando que os “ambientes frios e desumanizadores acentuam o declínio na funcionalidade dos idosos, enquanto ambientes que favorecem o equilíbrio e adaptação, levam à estabilização do residente e até à sua melhora”. Neri (2014) relaciona a dependência dos idosos a vários elementos, destacando que os ambientes de alta ou baixa exigência, podem levar a comportamentos dependentes. Ressalta, ainda, a importância de auxiliá-los apenas quando necessário, permitindo-lhes que possam exercer o controle do ambiente. Neste contexto, a falta de assistência adequada por parte dos profissionais pode acentuar a dependência comportamental, deixando de valorizar as competências e a independência dos idosos (NERI, 2014).

Investigar a percepção de ambiência dos moradores e familiares no contexto de uma moradia coletiva, onde há o compartilhamento dos espaços e dinâmicas rotineiras, pode colaborar para a oferta de soluções mais favoráveis à vida destes indivíduos. Nota-se que a vasta literatura sobre ILPI pouco aborda a importância dos ambientes e, mais especificamente, da ambiência para os idosos, e que muito menos enxergam o papel do familiar e da sua percepção como relevantes. Creutzberg e colaboradores (2007) enfatizam que, muitas vezes, o familiar é muito mais capaz de identificar as necessidades do idoso do que a própria equipe da instituição. Portanto, é preciso compreender como funcionam esses equipamentos para encontrar parâmetros que caracterizem os ambientes como lugares desejáveis, configurando-os como moradias dignas para idosos em qualquer nível de dependência, tornando mais amena a decisão de mudar para essas instituições.

Ambiência, objeto de discussão desse trabalho, diz respeito ao espaço físico e à condição emocional que se constrói nos ambientes compostos com objetos e pessoas. Reflete-se diretamente no bem-estar dos indivíduos, de forma a criar condições positivas ou negativas para as trocas entre os diversos atores que ocupam esse espaço. Os aspectos físicos e sociais do ambiente afetam o comportamento dos

sujeitos, podendo estimular o uso do espaço e promover os relacionamentos, motivo pelo qual buscam-se composições que possibilitem ações produtivas (BESTETTI, 2014).

1.1 Instituições de longa permanência para idosos

Os asilos foram fundados há mais de 400 anos no Brasil para acolher idosos, mendigos, loucos e doentes, pois tratava-se de instituições benemerentes (BERZINS; SILVA, 2010). Atualmente, outro modelo de moradia ocupa seu lugar, as instituições de longa permanência para idosos. Essa nova nomenclatura foi sugerida pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), que adaptou o termo utilizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) Instituição de Cuidados de Longa Duração – Long-Term Care Institution (CAMARANO; KANSO, 2010). Ainda são denominadas como casas de repouso, abrigos, clínicas geriátricas, residencial para idosos, além de diversos nomes com conotação negativa, tais como Lar de Caridade, Lar da Velhice e Mendicância, Lar dos Velhinhos Abandonados, Asilo dos Pobres, Asilo da Vovó Abandonada ou Asilo da Divina Providência, conferindo um cunho marcadamente assistencialista (BERZINS; SILVA, 2010; SILVA; YAMAGUCHI, 2017).

No Brasil, o IPEA identificou 3.548 instituições de longa permanência, sendo 1.617 filantrópicas e conveniadas. Foram recenseadas através do Sistema Único de Assistência Social – SUAS, chegando ao número de 1.227 instituições em 2012 e 1.451 em 2014 (CAMARANO; BARBOSA, 2016).

Com a instituição do Estatuto do Idoso no Brasil (BRASIL, 2003), cujo objetivo é regular os direitos assegurados às pessoas idosas, com idade igual ou superior a 60 anos, as entidades de atendimento, especialmente as ILPIs, foram normatizadas, garantindo a proteção integral aos idosos, o que significou um grande avanço nas conquistas de seus direitos.

O Estatuto assegura ao indivíduo o direito “à moradia digna, no seio da família natural ou substituta, ou desacompanhado de seus familiares, quando assim o desejar, ou, ainda, em instituição pública ou privada” (BRASIL, 2003), além da assistência integral na modalidade de entidade de longa permanência quando verificada inexistência de grupo familiar, abandono ou carência de recursos financeiros próprios ou da família (BRASIL, 2003).

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) instituiu a Resolução de Diretoria Colegiada (RDC) nº 283 em 2005 para regulamentar o funcionamento de ILPIs, priorizando a necessidade de qualificar a prestação de serviços públicos e privados nesses equipamentos (BRASIL, 2005). De acordo com essa resolução, instituições de longa permanência para idosos são destinadas ao domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade, dignidade e cidadania (BRASIL, 2005).

1.2 A família e as moradias institucionais para idosos

A sociedade contemporânea vem apresentando novos arranjos familiares, sendo que o modelo de família tradicional vem dando lugar a arranjos diversificados e novas configurações, que foram surgindo ao longo do tempo. Essas mudanças, associadas ao envelhecimento populacional e à presença de idosos mais longevos, têm causado grande dificuldade para as famílias prestarem cuidados aos seus idosos. A mulher sempre foi a principal responsável por cuidar das atividades domésticas e dos familiares e, a partir do momento em que ela passa a exercer atividades laborais fora de casa, buscaram-se novas alternativas para o cuidado domiciliar. Destaca-se, dentre elas, a transferência desse cuidado para as moradias institucionais (SILVA; YAMAGUCHI, 2017; DUTRA et al, 2016).

Apesar dessas mudanças nos arranjos familiares, a lei manteve a família prioritariamente responsável pela proteção do idoso (PEREIRA; CONZONE, 2018), e ela ainda constitui o principal apoio, não apenas por questões legais, mas por questões morais e afetivas. A Constituição Federal (BRASIL, 1988), em seu artigo 223, considera “a obrigatoriedade da família, sociedade e Estado em ampará-lo [idoso], defendendo a sua dignidade, bem-estar e direito à vida”, priorizando a permanência do idoso em casa sob o cuidado dos filhos, recomendação do Código Civil (BRASIL, 2002).

No entanto, a grande dificuldade tem sido manter e prestar cuidados ao idoso dependente, uma vez que necessita de ajuda para as atividades da vida diária (AVDs). Apesar de as famílias fazerem essa opção, assumindo esse compromisso ou contratando um profissional, raramente se preparam para isso e esse compromisso

pode começar repentinamente, alterando a dinâmica familiar (PEREIRA; CONCONE, 2018). Segundo Lini e colaboradores (2016), existem vários motivos que levam à institucionalização do idoso, sendo os principais: família pequena, declínio funcional, dificuldades financeiras e psicológicas para o cuidado no lar, e a vontade de mudar para uma instituição por sentir-se uma sobrecarga para a família. Além disso, pode haver dificuldade de convivência com os familiares, perda do cônjuge, além de diversas patologias e demências, fatores de desgaste dos vínculos previamente construídos.

A opção pela busca de uma ILPI passa a ser, portanto, cogitada pelos familiares que não têm condições de cuidar do parente idoso no seu domicílio, visto ser um serviço de acolhimento em tempo integral. Percebe-se uma procura crescente por esse serviço no Brasil, que encontra limitações pela carência de equipamentos e porque a maioria ainda seja de cunho assistencial (PEREIRA; CONCONE, 2018).

Porém, muitos são os preconceitos com relação à institucionalização, pois está associada ao abandono, descarte, solidão, fim de vida e segregação, em parte relacionados historicamente aos antigos asilos, ligados à cristandade (ALCÂNTARA; CAMARANO; GIACOMIN, 2016).

Para Silva e Yamaguchi (2017), apesar do preconceito, as instituições representam uma opção de moradia para os idosos que buscam ou necessitam de um lar, e acabam se tornando uma alternativa viável (OLIVEIRA; ROZENDO, 2014). Entretanto, essa moradia precisa ser adequada, digna e ter um caráter residencial, além de ser aconchegante e acolhedora.

1.3 O processo de institucionalização

A transição da moradia original para uma coletiva, com impactos relativos a perdas de controle da própria vida e de objetos pertencentes à sua história, é agravada pela necessidade de o idoso integrar-se a um grupo diverso e estranho, exigindo um tempo de acomodação das memórias para a construção de novos vínculos. Pedroso (2018) compreende que o indivíduo precisa se reconhecer no espaço para habitá-lo, fato que está diretamente relacionado aos seus vínculos, identidade, emoções, ternura, história de vida e cultura na qual está inserido e da qual provém. Portanto, para que se construa um significado, o idoso deve estabelecer vínculos com o lugar,

reconhecendo-se nele, o que dependerá da história desse indivíduo para a criação do afeto, elemento essencial para que haja identificação e senso de pertencimento

Para Pirhonen e colaboradores (2018), essa transferência pode ser considerada como um fator de risco para as rupturas no engajamento social, sendo um modo de “romper com o lar”, pois será inevitável a comparação dos momentos atuais com os do passado. Após a transição da residência, diminui consideravelmente o contato com amigos, vizinhos e parentes, trazendo sentimentos de descarte e distanciamento, além de tornar menos íntimos os relacionamentos.

Deixar seu lar, que normalmente tem um grande significado, além de seus pertences e tudo o mais que tem valor em sua vida, sem contar a perda dos papéis sociais e seu lugar na família, causa um estranhamento agravado pela convivência com desconhecidos. O ser humano constrói a sua história dentro de uma determinada cultura, apropriando-se e usufruindo de espaços, sendo que a moradia é um dos que determina grande significado em sua vida. Dentro desse contexto, faz-se necessário considerar as necessidades e expectativas dos moradores com relação ao ambiente no qual estão inseridos (PEDROSO, 2018).

Para Pallasmaa (2017, p. 8), a experiência de habitar “é, ao mesmo tempo, um evento e uma qualidade mental” e constituída por aspectos práticos e simbólicos, de modo a organizar o mundo do habitante em um cenário funcional, material e técnico. Trata-se do espaço que tem um significado, onde os elementos que o compõe estão diariamente se comunicando com o indivíduo, trazendo sentido para sua vida. Um lar existe quando constituído por elementos que caracterizem proteção e intimidade, funcionando como um mediador entre o que é público e o que está sob seu controle no âmbito privado, materializando seu lugar no mundo através da construção de um cenário que reflete a memória pessoal. Lar é muito mais que uma construção, englobando os sentimentos mais profundos e interagindo com o ser humano ao longo da vida (PALLASMAA, 2017).

Oliveira e Rozendo (2014) entendem que embora sejam regidas por normas, as ILPIs apresentam características únicas e comportamentos próprios derivados de costumes historicamente constituídos. Normalmente o atendimento e o cuidado são generalizados e as normas são rígidas, sendo totalmente insignificantes as preferências, os desejos e a capacidade do morador em participar e opinar sobre sua própria vida, sendo adotada uma rotina igual para todos. Dessa forma, a autonomia e

a identidade do idoso vão se perdendo, colaborando para que ele se torne um indivíduo passivo, em um lugar que não se reconhece.

Segundo Souza e Inácio (2017), as instituições tentam se organizar adotando regulamentos e normas para manter a ordem e a harmonia, e muitas vezes o controle dos residentes. No entanto, a instituição pode adotar uma conduta mais flexível, deixando de generalizar para singularizar o tratamento dispensado aos moradores, lembrando que cada indivíduo é único, tem vontade própria e direito as suas escolhas, portanto merece respeito, atenção e reconhecimento da sua dignidade. Desse modo, a integração do indivíduo como agente de transformação, através de incentivo à participação ativa, pode facilitar seu engajamento nas decisões em seu próprio benefício.

A instituição deve estar pronta para receber seu novo morador, apresentando a casa e seus novos vizinhos, bem como a equipe de colaboradores com os quais irá interagir no seu dia a dia, a partir de uma calorosa recepção que contribuirá para sua adaptação no novo ambiente. Essa equipe enfrenta desafios diários no cuidado com as pessoas idosas, pois trata-se de um público heterogêneo, que apresenta diferentes culturas, crenças, e ainda diversos graus de dependência com comprometimentos físicos e ou cognitivos.

Nesse sentido, a atenção e o cuidado devem ser integrais, humanizados, eficientes e dignos, contando com um atendimento individualizado, lembrando que cada indivíduo tem sua história de vida, seus gostos e preferências. A instituição necessita de profissionais das diversas áreas para melhor compreensão e eficiência no cuidado e essa equipe multidisciplinar tem um papel fundamental na construção do plano de atenção e cuidado. Somente compreendendo a velhice, o processo de envelhecimento e seu contexto, torna-se possível atuar de forma consciente e responsável nas ILPIs.

2 A AMBIÊNCIA E OS AMBIENTES ENRIQUECIDOS

A velhice vem acompanhada de vários elementos que interagem ao longo da vida, podendo ou não trazer a qualidade de vida desejada, estando relacionados a condições físicas do ambiente, condições biológicas do indivíduo, condições oferecidas pelo seu suporte social e auto avaliação do próprio sujeito sobre seu bem-estar (LAWTON, 1991² apud NERI, 2000). A autonomia e a independência estão em consonância com a qualidade de vida do sujeito que envelhece, sendo necessários ambientes que favoreçam as necessidades dos idosos através de espaços adaptados, tanto para os mais frágeis e com algumas dependências, quanto para aqueles que são independentes, para que possam interagir de forma positiva com o ambiente físico e social (MACHADO, 2018).

Gradativamente tem-se ampliado o conceito de moradia, e o seu significado vai além das paredes, tetos e objetos de estimação, está inserido dentro de um contexto que estabelece as ligações afetivas, sentidos, pertencimento, prazer, dentro de um determinado lugar e sua respectiva cultura. Bestetti (2014) afirma que ambiência diz respeito ao espaço físico, mas também, à condição emocional que se constrói nos ambientes compostos com objetos e pessoas. Reflete-se diretamente no bem-estar dos indivíduos, de forma a criar condições positivas ou negativas para as trocas entre os diversos atores que ocupam esse espaço. “Quando falamos em ambiência, pensamos em humanização por meio do equilíbrio de elementos que compõem os espaços, considerando fatores que permitam o protagonismo e a participação” (BESTETTI, 2014, p. 602).

De acordo com a Cartilha da Ambiência desenvolvida através da Política Nacional de Humanização do Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 2010, p.5), ambiência na saúde refere-se ao “tratamento dado ao espaço físico entendido como espaço social, profissional e de relações interpessoais que deve proporcionar atenção acolhedora, resolutiva e humana”. Apoia-se em três eixos: confortabilidade, produção de subjetividades e melhoria nos processos de trabalho.

Confortabilidade valoriza a privacidade, o conforto e a individualidade de cada

² LAWTON, M. P. A multidimensional view of quality of life in frail elders. In: Birren, J. E., Lubben, J. E., Rowe, J. C., Deutchmann, D. E. **The concept and measurement of quality of life in the frail elderly**. San Diego: Academic Press, 1991, p. 3-27.

indivíduo, associados aos elementos intangíveis que compõem o ambiente, tais como cor, cheiro e som, assim como depende de boas condições ambientais referentes a ventilação, iluminação e temperatura. Está também relacionada à distribuição dos elementos fixos e móveis, para garantir orientação e acessibilidade.

Produção de subjetividades, por sua vez, depende do arranjo do espaço e dos esforços empreendidos para utilizá-lo, impactando no bem-estar subjetivo através do encontro dos sujeitos, da possibilidade de reflexão e da capacidade de ação, sendo fundamental a qualidade dos elementos desse ambiente para que haja encontros produtivos. Por fim, a melhoria nos processos de trabalho refere-se à execução de atividades que prioriza a otimização de recursos, a humanização e o acolhimento, de modo a que o ambiente seja resolutivo e estimulante para todos os atores sociais que o utilizam, criando relações produtivas.

Para que haja efetiva condição de ambiência positiva no ambiente físico, é preciso concebê-lo a partir do Desenho Universal, considerando também questões de Ergonomia e Acessibilidade.

2.1 Desenho Universal

Desenho Universal é um princípio de concepção que tem como principal objetivo criar ambientes e produtos para todos, de modo mais amplo possível (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2010). O termo Desenho Universal foi instituído pelo arquiteto Ron Mace em 1985, nos Estados Unidos, influenciando de forma significativa na mudança de paradigmas para projetos urbanos, arquitetura e design, de modo a oferecer espaços mais amigáveis para facilitar o acesso de todos. Os dois segmentos da sociedade responsáveis pelo surgimento do Desenho Universal foram compostos por pessoas com deficiência, que estavam insatisfeitas com as limitações dos espaços construídos que não atendiam suas necessidades, e os profissionais de criação e construção, arquitetos, engenheiros, urbanistas e designers, que almejavam oferecer espaços mais amigáveis, facilitando o acesso de todos. O objetivo era evitar a necessidade de adaptação ou composição de projeto especializado para atender demandas de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, oferecendo melhor ergonomia para todos (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2010).

Na década de 1990 são estabelecidos os sete princípios do Desenho Universal, definindo parâmetros para que ambientes construídos e produtos pudessem contemplar a maioria dos usuários. Esses princípios foram adotados mundialmente e estão descritos da seguinte forma (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2010):

- Uso equitativo – propor espaços, objetos e produtos para usuários com diferentes capacidades, evitando segregação e oferecendo segurança a todos os usuários.
- Uso flexível – criar ambientes ou sistemas construtivos para atender as diversas necessidades dos usuários, possibilitando alterações para adequação.
- Uso simples e intuitivo – permitir fácil compreensão do espaço a todos os usuários, eliminando complexidades desnecessárias para atender as expectativas do usuário e disponibilizando informações mais importantes.
- Informação de fácil percepção – utilizar meios de comunicação compreensíveis a todos os usuários através de formas e objetos com contraste adequado, destacando as informações essenciais e facilitando o uso do espaço.
- Tolerância ao erro – considerar a segurança na criação de ambientes e na escolha de materiais e dispositivos de apoio utilizados, evitando acidentes.
- Esforço físico mínimo – Dimensionar elementos e equipamentos para utilização eficiente, confortável e mínima fadiga, minimizando ações repetitivas.
- Dimensionamento de espaços para acesso e uso abrangente – Permitir uso confortável, possibilitando alcance visual, acomodando variações ergonômicas e possibilitando a utilização por indivíduos com órteses.

2.2 Ergonomia e acessibilidade

Ergonomia é uma ciência que estuda a relação entre o homem e as suas ferramentas de trabalho (BESTETTI, 2014). Pode ser utilizada em diferentes contextos, através da melhoria na qualidade dos ambientes visto que se refere à maior efetividade produtiva com o menor esforço, evitando desgastes desnecessários.

Segundo Sobral e colaboradores (2015) as relações humano-espaciais influenciam de modo significativo no comportamento, humor e posse dos espaços. A ergonomia tem um papel fundamental na relação homem-ambiente, pois proporciona bem-estar, segurança e conforto, através da melhor adequação e otimização dos espaços. Estudos ergonômicos têm muito a agregar em moradias institucionais que

atendem pessoas idosas, pois podem aumentar a eficiência organizacional pela maior produtividade e menor esforço, proporcionando qualidade na vida diária dos moradores, colaboradores e familiares.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT – criou a NBR 9050 (2015) para tratar da acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos, onde “estabelece critérios e parâmetros técnicos a serem observados quanto ao projeto, construção, instalação e adaptação do meio urbano e rural, e de edificações às condições de acessibilidade”. Define acessibilidade como sendo:

“Possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privado de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida” (ABNT, 2015, p.2).

Tais critérios foram estabelecidos considerando as diversas condições de mobilidade e de percepção do ambiente por pessoas com ou sem dispositivos complementares de tecnologia assistiva. Assim, acessível diz respeito a tudo que possa ser alcançado, acionado, utilizado e vivenciado por qualquer pessoa, considerando ser adaptável quando for necessário alterar para se tornar acessível ou adequado, quando já for planejado para essa condição.

Portanto, a aplicação da norma oferece a concepção de espaços e elementos disponíveis para utilização com autonomia, independência e segurança para “a maior quantidade possível de pessoas, independentemente de idade, estatura ou limitação de mobilidade ou percepção” (ABNT, 2015, p.1).

Considerando os elementos mencionados acima e o encontrado na literatura, pode-se considerar que as condições ambientais interferem no comportamento dos idosos. Ambientes amigáveis podem possibilitar a manutenção das atividades básicas e instrumentais de vida diária, da funcionalidade e da mobilidade. Machado (2018, p. 24) afirma que os “ambientes frios e desumanizadores acentuam o declínio na funcionalidade dos idosos, enquanto ambientes que favorecem o equilíbrio e adaptação, levam à estabilização do residente e até à sua melhora.”

Quando os idosos exercitam o protagonismo e a participação em boas condições ambientais, terão sua autonomia, independência, autoestima e bem-estar

subjetivo favorecidos, impactando na qualidade de vida. Utilizar estratégias e recursos ambientais como elementos compensatórios e/ou otimizadores, incluindo uma moradia adequada, podem favorecer ou preservar a autonomia e bem-estar do idoso, tanto para aquele que precisa de cuidados quanto para os saudáveis (Tesch-Römer e Wahl, 2016).

Para Neri (2014), qualidade de vida na velhice é definida como um conceito multidimensional, composta por elementos como a saúde, funcionalidade física e cognitiva, produtividade, bem-estar subjetivo, recursos econômicos e sociais etc. Qualidade da habitação, acesso a transportes, satisfação residencial, amenidades, segurança, entre outros, são elementos importantes a serem considerados na qualidade de vida (BOWLING, 2004³ apud NERI, 2014).

De acordo com Burzinska e Malinin (2017), ambientes enriquecidos são importantes para preservar a capacidade cognitiva e funcional, retardando as perdas decorrentes do envelhecimento, visto que espaços complexos e estimulantes afetam as condições fisiológicas e cognitivas dos seus usuários, enquanto ambientes empobrecidos (com baixa complexidade e estimulação) estão ligados ao declínio cognitivo e funcional. Enfatizam a importância do enriquecimento do ambiente através de aspectos tais como atratividade estética, proximidade, estímulo aos sentidos, variedade de usos do mesmo espaço, flexibilidade da configuração, os espaços pequenos, e atividades educativas e criativas que possibilitem o engajamento e a formação de redes sociais, tornando os ambientes mais significativos (BURZYNSKA; MALININ, 2017).

2.3 Conforto ambiental, bem-estar e pertencimento

Além do desenho universal, da ergonomia e da acessibilidade, que têm caráter mais ligado aos aspectos físicos do ambiente, para compor a ambiência também é necessário contar com elementos subjetivos ou intangíveis, como conforto ambiental, bem-estar e pertencimento.

Bem-estar envolve condições de conforto, incluindo questões de cultura e

³ BOWLING, A. A taxonomy and overview of quality of life. In: Brown, J., Bowling, A., Flynn, E. (Eds.) **Models of quality of life: A taxonomy and systematic review of the literature.** University of Sheffield, FORUM Project, 2004.

religião, além de compreender que as percepções são diferentes nos diferentes graus de dependência do idoso (BRAGA et al., 2018). Por exemplo, as preferências de design de interiores são pessoais e podem ser influenciadas pela experiência passada, assim como um assento deve ser resistente e elástico, mas nem sempre atenderá características antropométricas do usuário (REGNIER, 2018). Também os ambientes dos refeitórios requerem uma atenção melhor ao ruído, iluminação, revestimento do piso e design de móveis. As cadeiras precisam de apoios de braços e assentos que sejam suficientemente altos para facilitar os momentos de sentar e levantar (REGNIER, 2018).

Pertencimento significa o sentimento de estar conectado com o ambiente físico e com as relações sociais, visto que pertencer reflete situações positivas de conexão (WAHL et al., 2012; NASCIMENTO, 2019). Para Pallasmaa (2017), o ser humano é sensorial e corporal, ambos – sentidos e corpo – produzindo e armazenando conhecimento silencioso. A identidade cultural define a sensação de possuir raízes, sendo um intercâmbio entre o indivíduo e o lugar ao qual pertence. A busca por pertencimento aumenta conforme o tempo passa, o que justifica o fato de idosos longevos buscarem relações e ambientes que lhes transmitam segurança e significado, o que justifica a preferência por ambientes que tragam bem-estar e emoções positivas (WAHL et al., 2012; NASCIMENTO, 2019).

A noção de lar, novamente, manifesta-se nas entrevistas quanto ao sentimento de bem-estar, pois é caracterizado pela sua composição com objetos, em especial porque são carregados de significados e lembranças a partir do senso de pertencimento. O conforto não é apenas algo físico, mas envolve questões sociais, psicológicas e sentimentais construídas nos relacionamentos, o que pode impactar quando há mudança para uma moradia institucional (BRAGA et al., 2016). Para Wahl e colaboradores (2012), pertencer incorpora aspectos cognitivos, emocionais, comportamentais e físicos, sendo que a familiaridade se desenvolve ao longo do tempo. O idoso que passa a morar em um residencial coletivo precisa se reconhecer no espaço para habitá-lo, a partir da construção de um significado emergido dos vínculos com o lugar, dependendo da sua história para a criação do afeto (PEDROSO, 2018).

A atitude dos colaboradores é questão fundamental para o senso de pertencimento e bem-estar, tanto quanto as interações sociais com outros moradores.

Se os funcionários não são amigáveis, o local pode parecer mais uma instituição do que um ambiente habitacional (REGNIER, 2018). Por outro lado, muitos deles esforçam-se para aproximarem-se de modo carinhoso e amigo, nem sempre compreendido por moradores que se sentem incomodados por ações barulhentas, efusivas ou impertinentes. Regnier (2018) reforça que muitos cuidadores são frequentemente subestimados, pois cumprem jornadas fisicamente exigentes e emocionalmente desgastantes. Considerando que a origem de muitos deles possam gerar diferenças culturais, a impossibilidade de identificação pode gerar indiferença e reações negativas, alterando o bem-estar e o sentimento de pertença. Para isso, é importante que haja uma participação efetiva nas decisões que incidam sobre suas vidas, evitando o isolamento que represente a falta de pertencimento (BONICENHA, 2019).

Conforto ambiental diz respeito às condições das mudanças que ocorrem no ambiente, considerando elementos intangíveis tais como ruídos, umidade, clima e iluminação. De acordo com Bluysen (2019), as relações entre as condições internas dos edifícios e o bem-estar dos ocupantes são complexas, determinando estressores ambientais que podem alterar comportamentos. A percepção dos estímulos de diversas origens acontece de modo simultâneo, trazendo reações diversas aos usuários e com diferentes significados para certos materiais, cores e formas percebidas (VON HARTENTHAL & ONO, 2011). As interações ocorrem utilizando mecanismos do corpo humano para lidar com os estressores ambientais, que podem ser alterados por fatores como confusão e diferenças individuais (BLUYSEN, 2019).

2.4 Gerontologia Ambiental e principais teorias

Ainda que os ambientes institucionais e suas ambiências sejam pouco estudados, há um campo dentro da Gerontologia que se dedica a compreender e modificar a relação pessoa-ambiente, que vai desde a esfera residencial ao espaço urbano e rural (BATISTONI, 2014; MACHADO, 2018).

A Gerontologia Ambiental é um campo interdisciplinar que tem contribuído de forma significativa para a qualidade de vida dos idosos. Suas áreas de interesse são diversas e abordam desde questões residenciais como as possibilidades de moradia, composição da casa, modificação e adaptação da casa, configurando os

microambientes, passando pelos mesoambientes, que abrangem os contextos institucionais, até questões mais amplas como vizinhança e aspectos sociais e políticos do envelhecimento nos macroambientes, que estão relacionadas aos contextos urbanos e rurais (TOMASINI, 2006; BATISTONI, 2014).

Faz-se aqui um breve apanhado de teorias clássicas que têm contribuído para a Gerontologia Ambiental, tendo como precursores Lawton e Nahemow a partir de 1973, com o desenvolvimento do modelo ecológico ou pressão-competência, cujo foco está direcionado aos aspectos físicos do ambiente, defendendo que o comportamento na velhice é uma função da competência pessoal em interação com a pressão ambiental. Competência diz respeito às capacidades do indivíduo para satisfazer suas necessidades básicas de sobrevivência e pessoais, sendo que a pressão ambiental se refere às demandas pessoais, sociais e do ambiente. A relação entre pressão e competência leva a dois desfechos: a proatividade ambiental, que ocorre quando a pessoa altera ativamente seu ambiente para suprir suas necessidades, e a docilidade ambiental, quando a competência do indivíduo não é suficiente frente às demandas do ambiente, levando a uma atitude passiva (TOMASINI, 2006; BATISTONI, 2014; MACHADO, 2018)

Em 1975, Kahana apresenta o modelo de congruência, visando explicar o impacto do ambiente sobre o bem-estar e ajuste dos idosos. Segundo Tomasini (2006), esse modelo está alicerçado no modelo de pressão e competência de Lawton e Nahenow. Nesse contexto aparecem os conceitos de ajuste ou desajuste relacionados a pessoa/ambiente, assim o ajuste é entendido como nível de competência em determinados domínios e é congruente ao grau de pressão ambiental (BATISTONI, 2014). Basicamente esse modelo pretende esclarecer o impacto entre o bem-estar e ajuste dos idosos, e com base na congruência entre ambiente e necessidades individuais (KAHANA, 1975⁴ apud MACHADO, 2018).

Schooler desenvolveu, em 1982, o modelo de estresse, considerando os de avaliação, enfrentamento e reavaliação que sustentam a interação pessoa-ambiente. Em 1984, o modelo complementar de congruência desenvolvido por Carp e Carp amplia o anterior, considerando os aspectos subjetivos além dos físicos, através de

⁴ KAHANA, E. A congruence model of person environment interaction. In: Windley, P.G, Byerts, T., Ernst, E.G. (Eds.): **Theoretical development in environments and aging**. Washington, DC: Gerontological Society, 1975.

elementos tais como socialização, privacidade e experiência estética. Moos e Lemke desenvolvem o modelo socioecológico em 1985, defendendo que os ambientes sociais e físicos influenciam o comportamento individual, sendo igualmente influenciados por ele. Finalmente, os pesquisadores Rowles, Oswald e Hunter, em 2007, apresentam o modelo de visão transacional das pessoas idosas em seus ambientes, relacionando aspectos físicos, sociais e autobiográficos do indivíduo de acordo com sua história de vida em um dado lugar (TOMASINI, 2006; BATISTONI, 2014; MACHADO, 2018).

Wahl e Oswald (2010⁵ apud BATISTONI, 2014; MACHADO, 2018) também contribuíram com os conceitos de agência e pertencimento. Pertencimento está relacionado à vivência do indivíduo e sua relação com o ambiente, envolvendo aspectos subjetivos expressados através da satisfação, apego e significados do lugar construídos ao longo do tempo, o que demonstra quão integrada ao ambiente a pessoa se sente. Agência refere-se à capacidade de agir e exercer controle sobre seu meio. Agência e pertencimento conversam entre si e resultam no senso de autonomia e identidade, o que afeta o bem-estar e qualidade de vida dos idosos.

⁵ WAHL, H. W.; OSWALD, F. Environmental perspectives on aging. In Dannefer, D., Phillipson, C. (Eds.), **The SAGE Handbook of Social Gerontology**. London: Sage, 2010, p. 111-124.

3 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

Tesch-Römer e Wahl (2016) relacionam envelhecimento bem-sucedido aos recursos ambientais, considerando-os importantes para a manutenção da autonomia e bem-estar. Nesse sentido, a humanização traz o entendimento sobre a importância do significado de lugar, podendo favorecer o ambiente para que a população idosa possa viver em arranjos espaciais que lhe tragam segurança, conforto e prazer, influenciando na qualidade de vida.

No entanto, percebemos que muitos dos espaços ocupados pelos idosos que moram em ILPIs são adaptados, sem um estudo ou planejamento para atender às suas necessidades. Dentro desse contexto, os elementos de conforto ambiental podem ser facilitadores nas relações que se estabelecem e criam uma sensação de pertencimento, satisfazendo desejos e necessidades dos atores sociais envolvidos.

Considerando as novas demandas da sociedade, em função do envelhecimento da população decorrente de maior longevidade e menor natalidade, como se constroem as ambiências em ILPIs, vistas pela perspectiva dos moradores e dos familiares que optam pela institucionalização dos seus idosos?

Há poucos estudos focados na ambiência, especialmente em ILPIs, o que justifica esta pesquisa, que pretende contribuir para a Gerontologia na relação pessoa e ambiente, com foco na velhice institucionalizada. Investigar a percepção de ambiência dos moradores e familiares no contexto de uma moradia coletiva, onde há o compartilhamento dos espaços e dinâmicas rotineiras, pode colaborar para a oferta de soluções mais favoráveis à vida destes indivíduos. Nota-se que a vasta literatura sobre ILPI pouco aborda a importância dos ambientes e, mais especificamente, da ambiência para os idosos, e que muito menos enxergam o papel do familiar e da sua percepção como relevantes.

Dentro deste contexto e da necessidade de compreender a dinâmica entre os moradores e o ambiente institucional, esta dissertação tem como objetivo caracterizar e comparar as percepções dos moradores e familiares quanto à ambiência de duas ILPIs paulistanas, levando em conta aspectos tangíveis e intangíveis do espaço, e sua influência no conforto ambiental, bem-estar e no senso de pertencimento dos idosos nos diferentes cenários.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem caráter qualitativo, exploratório, transversal e descritivo, que incluiu trabalho em campo (GIL, 2008). Vários procedimentos e instrumentos foram utilizados para estruturar este trabalho. Primeiramente, uma revisão de literatura foi realizada para compor o referencial teórico desta dissertação, trazendo um panorama sobre a abordagem da ambiência e do ambiente em ILPIs na literatura disponível. Para a pesquisa em campo, foram feitas entrevistas com base em questionários com perguntas fechadas e abertas sobre ambiência, compreendendo aspectos dos estímulos ambientais. Outros recursos foram importantes para a análise qualitativa, tais como um caderno de campo e visitas aos locais da pesquisa, visando captar o máximo de informações possível que contribuíram para o alcance dos objetivos. Abaixo serão mais bem descritos os métodos utilizados neste estudo.

4.1 Campo de estudo

A pesquisa foi realizada em duas instituições de longa permanência para idosos localizadas na Zona Sul de São Paulo – Capital. A ILPI A, entidade beneficente, sem fins lucrativos, mantida através da retenção de 70% do benefício do idoso, de acordo com o Art. 35 do Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003), por doações de pessoas físicas e jurídicas e pela realização de eventos beneficentes como almoços e bazares. Atualmente acolhe 65 idosos de ambos os sexos, e conta com 55 colaboradores e 65 voluntários. A outra moradia institucional, denominada ILPI B, é uma entidade beneficente, sem fins lucrativos, gerida por uma Sociedade Beneficente, a qual destina verbas anuais suficientes para a manutenção das atividades de cuidado ao idoso. A instituição acolhe 129 idosos de ambos os sexos, 236 colaboradores e 117 voluntários.

Uma descrição mais detalhada das duas ILPIs será realizada no item 5.1.

4.2 Participantes

Foram adotados os seguintes critérios para participação na pesquisa: idosos residentes das ILPIs há pelo menos 6 meses; com 60 anos ou mais; que sejam

indivíduos autônomos e com graus de dependência I e II de acordo com a Resolução de Diretoria Colegiada (RDC) 283 (BRASIL, 2005)⁶; com capacidade cognitiva suficiente, garantida a partir da indicação da equipe médica. Por conta dos critérios de inclusão, o número de participantes se limitou a 10 idosos em cada instituição, selecionados por conveniência dos gestores, que aceitaram participar da pesquisa e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, totalizando 20 idosos. Os familiares foram selecionados aleatoriamente em momentos de visita e foram feitas igualmente 10 entrevistas em cada instituição.

Houve dificuldades em ambos os grupos, mesmo não sendo os familiares dos idosos entrevistados. Quanto aos idosos, há uma predominância de moradores com algum comprometimento da capacidade cognitiva, o que já os exclui. Além disso, nem todos sentem-se confortáveis e confiantes para entrevistas, negando-se a participar, resultando em um número restrito de participantes. Quanto aos familiares, na ILPI A muitos moradores recebem pouca ou nenhuma visita de familiares, o que reduz as oportunidades de entrevistas. Já na ILPI B, apesar da participação mais ativa de familiares, nem sempre se colocam disponíveis nesse tempo. Por sugestão da gestora, a maioria das entrevistas foi realizada em um evento comemorativo, considerando maior disponibilidade de tempo e do incentivo dos profissionais da casa.

4.3 Instrumentos

Esta pesquisa utilizou-se de vários instrumentos para compor seu referencial teórico e metodológico, descritos a seguir.

4.3.1 Revisão de literatura

Para a realização da revisão de literatura, focou-se na busca por artigos científicos, complementada com a inclusão de capítulos de livros, teses e dissertações. Foram utilizadas as bases de dados Ageline, Social Services Abstracts

⁶ Segundo a RDC 283 (BRASIL, 2005), idosos classificados com grau de dependência I são considerados independentes, mesmo que necessitem a ajuda de equipamentos; aqueles com grau de dependência II requerem ajuda de outra pessoa em até três atividades de vida diária (e.g., higiene, alimentação e mobilidade), e podem ter ou não alterações cognitivas desde que controladas; indivíduos autônomos têm o controle de sua própria vida e o poder de tomar decisões.

e Periódicos CAPES. Artigos recomendados por outras fontes também foram inclusos. As buscas ocorreram entre setembro de 2018 e janeiro de 2019. Os critérios de inclusão utilizados foram os seguintes: a) artigo completo nacional ou internacional; b) publicado em línguas inglesa, espanhola ou portuguesa; c) datado de 2014 a 2019. Em todas as bases foram utilizados os seguintes descritores: “long-term institutionalization” or “long-term facility” or “long-term care” or “long-term institution” or “nursing home” or “assisted living” or “retirement home”, and “ambience”, “elderly”, “family”, “environment”, “institutionalized elderly”. O campo selecionado para pesquisa foi “any field”, visando maximizar o número de publicações encontradas.

Inicialmente a busca resultou em 638 artigos. Todos os títulos dos artigos foram lidos, e caso fossem incompatíveis com o escopo da pesquisa eram excluídos, resultando em 55 artigos potencialmente relevantes. Após a leitura do resumo, 34 artigos foram selecionados para a leitura completa do texto. Outros 10 artigos foram incluídos advindos de outras fontes. Os critérios de exclusão utilizados foram: a) artigo incompleto ou indisponível; b) assuntos incompatíveis com o escopo desta pesquisa; c) participantes não idosos; d) foco em condições específicas, como idosos com demências; e) foco em aspectos específicos do ambiente. Após a leitura dos textos completos, 17 artigos se enquadraram nos critérios de inclusão e exclusão e serviram como base para este trabalho, além de outros materiais como capítulos de livros, cartilhas, leis, teses e dissertações.

4.3.2 Entrevistas

Para cada grupo de participantes foi utilizado um protocolo de entrevista específico. O protocolo dos moradores consistia em um questionário fechado e um roteiro semiestruturado com perguntas abertas sobre ambiência e seus aspectos físicos, sociais e emocionais. Já os familiares foram responderam apenas perguntas abertas.

O questionário dos idosos (Apêndice A) foi composto por 15 perguntas fechadas, divididas em três domínios – conforto ambiental, bem-estar e pertencimento, respondidas através de uma escala de faces associada a uma escala numérica de 1 a 5, sendo 1 péssimo e 5 muito bom, além de um cabeçalho para identificação e dados sociodemográficos como sexo, idade e escolaridade. Foram

selecionados pelas instituições apenas idosos com cognição preservada, de modo a não haver dificuldades para esse reconhecimento, que poderia estar comprometido por estados de demência que tornam as expressões pouco significativas para indivíduos nessa condição.

No primeiro domínio, conforto ambiental, estão relacionadas temperatura, iluminação, ventilação, circulação nos corredores e manutenção dos móveis e equipamentos, considerando assim as condições físicas do lugar. No domínio bem-estar, os idosos avaliaram o conforto das poltronas, das cadeiras do refeitório, os possíveis desníveis, a circulação entre os ambientes e o seu bem-estar geral. Esses elementos são necessários para análise, pois estão diretamente relacionados à manutenção da autonomia em atividades de rotina, em especial quanto ao seu sentimento em relação ao lugar. O terceiro e último domínio refere-se à sensação de pertencimento, e foram avaliadas questões relacionadas ao atendimento a solicitações e sugestões, simpatia dos profissionais, a valorização do morador pela equipe, as atividades nos ambientes coletivos e relacionamentos com outros moradores. Tal conteúdo destaca questões de relacionamento e construção de subjetividades.

Já o questionário aberto usado com os idosos continha 9 perguntas relacionadas à aspectos subjetivos, como atividades preferidas, lar, preferencias, sentimentos e sensações, entre outros.

O roteiro de entrevista dos familiares (Apêndice B) consistia em 12 perguntas abertas também com questões subjetivas sobre o idoso na moradia institucional, tais como definição de moradia para idosos, definição de lar, acolhimento, vivências na moradia institucional, adaptação do idoso, percepção dos cuidados etc.

4.3.3 Observação participante

Foram realizadas visitas nas duas ILPIs durante a pesquisa, sendo possível observar e acompanhar a dinâmica de cada instituição no seu dia-a-dia, além de presenciar as atividades de vida diária em diversos horários.

Durante as visitas foram feitos registros fotográficos e anotações que colaboraram na composição da discussão e das considerações deste trabalho.

4.4 Análise de dados

Foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977, 2009), que busco identificar categorias emergidas a partir das falas e significações dos participantes, descrita de forma objetiva, sistemática e quantitativa. A técnica foi executada em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

Na fase da pré-análise foi feita uma leitura flutuante. Na fase seguinte de exploração do material, foram obedecidas as regras de: (a) exaustividade – esgotou-se a totalidade da comunicação, não omitindo nem uma informação; (b) representatividade – o universo da amostra foi representado; (c) homogeneidade – os dados referiram-se ao mesmo tema, foram obtidos por técnicas iguais e empregadas por indivíduos semelhantes; (d) pertinência – as entrevistas foram adaptadas aos objetivos da pesquisa; e (e) exclusividade – um elemento foi classificado em apenas uma categoria.

O material foi explorado e codificado, sendo feita a escolha pela unidade temática e de contexto, contraídas através de núcleos de sentido das falas dos participantes. Em seguida, as categorias foram definidas e classificadas de acordo com seus conteúdos, divididas em grandes eixos temáticos. A análise qualitativa da informação codificada verificou as ocorrências de cada categoria, a identificação de subcategorias, e a extração dos trechos das entrevistas correspondentes a elas.

Além do cumprimento dessas etapas, o tratamento dos resultados e as interpretações também envolveram a ponderação da frequência simples (número de falas repetidas agrupadas pela semelhança do conteúdo expresso nas verbalizações) das unidades de análise. A direção dos conteúdos analisados foi classificada entre favorável (aspectos positivos das declarações), desfavorável (aspectos negativos das informações) ou neutra (conteúdo vago, indefinido, indiferente, indeterminado ou imparcial, que não se expressou nem a favor nem contra).

Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra e os resultados dos questionários tabelados em Excel. O software MaxQDA 2020 foi utilizado para a análise dos dados qualitativos resultantes das entrevistas, onde as falas foram categorizadas obedecendo as regras supracitadas.

4.5 Questões éticas

A presente pesquisa foi aprovada em 28 de novembro de 2018 pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, sob o CAAE 02883418.2.0000.5390, parecer 3.043.381. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C) foi assinado por cada participante, além de um documento de autorização expedido pelos responsáveis nas duas moradias institucionais (Anexos B e C).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados foram divididos para facilitar a compreensão. Primeiramente, serão apresentados aqueles referentes aos moradores idosos, em seguida, aos familiares.

5.1 As Instituições

Para melhor compreensão dos resultados, as duas ILPIs serão brevemente contextualizadas nos itens a seguir.

5.1.1 ILPI A

A ILPI A, fundada em 1947 é uma instituição totalmente filantrópica, localizada na região Sul da cidade de São Paulo, foi construída em uma época em que a região era cercada por chácaras. Tem Certificação de Entidade Beneficente da Assistência Social, e sobrevive graças à doação de 70% dos benefícios de seus residentes, doações, campanhas e eventos beneficentes. Com uma diretoria totalmente voluntária, atende 65 idosos com diferentes graus de dependência. Para o atendimento de seus residentes, na ocasião da pesquisa a instituição contava com 55 profissionais e 65 voluntários.

Sua estrutura física se caracteriza por ter grandes dormitórios, com divisórias a cada 2 leitos e uma ala para idosos mais dependentes. Os banheiros são compartilhados. Os dormitórios dão acesso a 2 grandes espaços comuns, onde os residentes ficam durante o dia, assistem à TV, participam de atividades de ocupação

do tempo livre. Tem 1 cozinha e 2 refeitórios separados por sexo. Conta ainda com consultórios, sala de fisioterapia, lavanderia, sala de informática, bazar, almoxarifado e um amplo jardim.

Conforme observado durante as visitas, as atividades de lazer não são tão constantes quanto na ILPI B, pois são realizadas em dias e horários específicos, e muitas são facilitadas por voluntários. Os idosos acabam se agrupando para conversar no jardim, na varanda ou na sala de tv.

5.1.2 ILPI B

A ILPI B, fundada em 1937 é uma instituição filantrópica, situado em uma área de 12 mil m² na Vila Mariana, zona sul de São Paulo, recebem verbas anuais suficientes para manutenção das atividades de cuidado aos idosos. Atualmente, os três blocos residenciais são ocupados por 129 idosos com diferentes graus de dependência. Possui uma área construída de 20.400 m² distribuídos em ambulatorios, consultórios, áreas de lazer, apartamentos individuais, biblioteca, cinema, salas para terapia ocupacional e fisioterapia, salão de festa, refeitórios, cozinha, lavanderia, extensas áreas externas com alamedas e jardins.

Os idosos têm a possibilidade de participar das atividades de lazer todos os dias, realizadas por profissionais e voluntários, tendo uma maior oferta de opções variadas. Na ocasião da pesquisa, contava com uma equipe de aproximadamente 236 profissionais e 117 voluntários.

5.2 Residentes

5.2.1 Sujeitos da pesquisa

Na ILPI A foram entrevistados 10 idosos, sendo 2 homens e 8 mulheres. Os participantes tinham diferentes escolaridades, com predominância do 1º grau incompleto, e idade média de 76,3 anos. A Tabela 1 apresenta a avaliação dos moradores sobre conforto ambiental, bem-estar e pertencimento relacionados a moradia.

Tabela 1 – Avaliação dos moradores da ILPI A sobre conforto ambiental, bem-estar e pertencimento em números absolutos.

		péssimo	ruim	regular	bom	muito bom
Conforto	Temperatura nos ambientes			4	5	1
	Iluminação nos ambientes			1	6	3
	Ventilação nos ambientes			2	5	3
	Circulação nos corredores			1	8	1
	Manutenção dos móveis e equipamentos	1		4	5	
Bem-estar	Conforto das poltronas da casa*		1	1	5	2
	Conforto das cadeiras do refeitório ^{7*}		3	2	2	2
	Desníveis entre os ambientes			1	6	3
	Circulação entre os ambientes		1	4	3	2
	Bem-estar na moradia		2	1	5	2
Pertencimento	Atendimento a suas sugestões e solicitações			1	4	5
	Simpatia dos profissionais	1	1	2	3	3
	Equipe na valorização do morador			2	5	3
	Atividades nos ambientes coletivos				6	4
	Relacionamento com outras pessoas			2	5	3

Fonte: Nadir Aparecida Menezes, 2019.

Com base na Tabela verificamos que a maioria dos itens do seguido por regular e muito bom, tendo apenas 1 idoso classificado a manutenção dos equipamentos e móveis como péssima. Quanto ao domínio do bem-estar, também prevaleceu a avaliação boa dos itens, seguida de muito bom e regular. 4 idosos avaliaram os itens “conforto das poltronas, cadeiras do refeitório e desníveis entre ambientes” como ruins, e apenas 1 idoso avaliou os “desníveis entre ambientes” como péssimos. Com relação ao pertencimento, os idosos consideraram como muito bom, tendo apenas 3 idosos classificados os itens “atendimento a sugestões e solicitações” e

“relacionamento com outras pessoas” como péssimo, 48 e 2% péssimo, . Mais de 70% dos idosos consideraram este aspecto bom e muito bom, evidenciando o quanto eles se sentem pertencentes ao lugar e o consideram sua casa.

Já na ILPI B, foram entrevistados 10 idosos, sendo 5 homens e 5 mulheres. Os participantes apresentaram diferentes graus de escolaridade, com predominância do 2º grau incompleto, e idade média de 78,7 anos. A Tabela 2 apresenta a avaliação dos moradores sobre conforto ambiental, bem-estar e pertencimento relacionados a moradia.

Tabela 2 – Avaliação dos moradores da ILPI B sobre conforto ambiental, bem-estar e pertencimento em números absolutos.

		péssimo	ruim	regular	bom	muito bom
Conforto	Temperatura nos ambientes da casa			2	7	1
	Iluminação nos ambientes da casa				6	4
	Ventilação nos ambientes da casa			1	6	3
	Circulação nos corredores			1	5	4
	Manutenção dos móveis e equipamentos				3	7
Bem-estar	Conforto das cadeiras do refeitório				8	2
	Conforto das poltronas da casa		1	1	5	3
	Desníveis entre os ambientes				6	4
	Circulação entre os ambientes				5	5
	Bem-estar na moradia				1	9
Pertencimento	Atendimento a suas sugestões e solicitações				4	5
	Simpatia dos profissionais da casa			1	1	8
	Equipe na valorização do morador				4	6
	Atividades nos ambientes coletivos				3	7
	Relacionamento com outras pessoas na casa			2	4	4

Fonte: Nadir Aparecida Menezes, 2019.

De acordo com a Tabela 2, foi possível perceber que a maioria dos idosos consideraram os itens do domínio conforto ambiental como bom, exceto por “manutenção dos móveis e equipamentos”, que foi considerado como 8 muito bom por 7 idosos. Nenhum dos idosos avaliou este bloco como ruim ou péssimo.

Com relação ao domínio bem-estar, apenas o item “conforto das poltronas da casa” recebeu avaliações ruim e regular de 2 idosos, sendo todos os outros itens considerados bom e muito bom. O item “bem-estar na moradia” foi o que recebeu mais bem avaliado pelos idosos.

Quanto ao pertencimento, os participantes classificaram a maioria dos itens como muito bom, exceto por “simpatia dos profissionais” e “relacionamento com outras pessoas” que foram avaliados como regular por 3 moradores. Com relação a atenção as sugestões e solicitações se sentem perfeitamente respeitados, expressam satisfação e felizes por sempre serem atendidos prontamente. No tocante a simpatia dos profissionais da casa, relatam que são muito educados e sorridentes, fazendo com que os idosos se sintam acolhidos. Consideram que a equipe valoriza muito o morador, se sentem seguros e cuidados, e reconhecem que os profissionais são muito competentes. Existe uma participação muito significativa dos moradores nas atividades nos ambientes coletivos, relatam que são muitas opções para todos os gostos e que são muito interessantes. Quanto ao relacionamento com as outras pessoas, o consideram prazeroso, conversam e fazem programas externos em pequenos grupos, independentes da programação da casa, e existe uma proximidade natural por fazerem parte da comunidade judaica.

5.2.2 Percepções da ambiência

A seguir, serão descritos os resultados obtidos na análise qualitativa a partir da análise de conteúdo das respostas dos moradores. O Quadro 1 apresenta as categorias, subcategorias, definições, códigos e exemplos de respostas dadas na íntegra pelos moradores das duas instituições.

Quadro 1 - Categorias e subcategorias: definições, códigos e exemplos das respostas dos moradores.

Categorias: definições e códigos	Subcategorias: códigos e exemplos de trechos extraídos das respostas dos participantes	
	<i>Moradores ILPI A</i>	<i>Moradores ILPI B</i>
Categoria 1: Bem-estar (B) Definição: Esta categoria compreende aspectos objetivos e subjetivos que trazem bem-estar e prazer aos moradores.	Atividades (AV). Ex: “Eles fazem todo ano [um passeio] no Dia do Idoso, é muito bom. A gente vai num restaurante muito chique, tem música ao vivo, tem muita dança, comida muito boa, a gente fica lá o dia todo.”	Atividades (AV). Ex: “Eu gosto de tudo, mas geralmente eu gosto da biblioteca, do computador.”
	Convivência (CV). Ex: “Eu morei muitos anos sozinha, eu estava caindo em depressão, por isso que eu vim pra cá. Eu me sinto bem, almoçar com gente do meu lado e tudo.”	Convivência (CV). Ex: “A gente se comunica, se entende, se cumprimenta, vive junto, está tudo bem.”
	Autonomia (AU). Ex: “Gosto da minha liberdade. Fazer o que eu preciso fazer, a hora que eu quiser, na hora que eu posso.”	Autonomia (AU). Ex: “Eu faço aquilo que eu preciso, que eu tenho necessidade, eu não tenho restrições pra sair também, então eu saio.”
	Colaborar com a instituição (CI). Ex: “Fico na recepção quando precisa, faço com muito	Acolhimento e apoio (ACAP). Ex:

	prazer, eu gosto de atender as pessoas”	“Sou muito bem tratada aqui, [...] tudo o que eu peço elas fazem.”
Categoria 2: Pertencimento (P) Definição: Nessa categoria estão presentes os conteúdos o senso de pertencimento do idoso dentro da instituição, demonstrado seu entrosamento e a construção de vínculos com o lugar.	Participação (PA). Ex: “Meus amigos é o pessoal que mora aqui, porque minha família não vem me ver, mora muito longe. Então... Eu entro na conversa com todo mundo, me chama eu vou.”	Participação (PA). Ex: “Eu participo, eu ajudava na recepção, fazia correspondência, [...] trabalhava, ajudava os funcionários pra mim não ficar parado, pra mim é uma alegria fazer alguma coisa.”
	Adaptação (AD). Ex: “Tive que me adaptar, eu estava acostumada a morar sozinha [...]. É complicado, não é fácil.”	Adaptação (AD). Ex: “Eu estou totalmente ambientado, eu me sinto bem demais aqui.”
	Noção de lar (NL). Ex: “Eu estou num verdadeiro lar, porque eu gosto daqui, [...] eu não fui muito feliz com a minha filha, então pra mim aqui é muito bom, eu não pretendo sair daqui.”	Noção de Lar (NL). Ex: “Eu estou no meu lar, continuação da minha casa.”

	Território (TE). Ex: “No meu sofá, que cada uma tem o seu, na sala de TV.”	Relacionamento com outros moradores (RM). Ex: “A gente fala a mesma língua, nós somos todos idosos, nós somos da mesma religião, então aqui a gente aprende muito, sobre o que a gente sabe ensina, sobre o que a gente não sabe, aprende.”
Categoria 3: Ambiente (A) Definição: Esta categoria abarca as percepções dos idosos quanto ao ambiente da instituição, tratando tanto de elementos físicos e de como se apropriam do espaço, demarcando seu território e preservando sua independência.	Espaços agradáveis (EA). Ex: “Eu fico ali sentada nas árvores, nos bancos, aqui dos lados, é no quintal. [...] Eu gosto muito de circular, aqui você vê, temos bastante espaço.”	Espaços agradáveis (EA). Ex: “Tem um jardim confortável, com bancos, você pode sentar, ler, ficar sozinho ali e não é perturbado nem nada, então são locais assim que você pode ter sossego e paz, ou no quarto, ou no jardim.”
	Independência (ID). Ex: “Tranquilamente, com a minha bengalinha eu vou pra qualquer lugar.”	Território (TE). Ex: “O meu quarto é o meu quarto, o meu banheiro, aqui eu me sinto na minha casa, eu faço o que eu quero lá dentro.”

Fonte: Nadir Aparecida Menezes, 2020.

São apresentadas na Tabela 3 as frequências das unidades de análise divididas por instituição e o total combinado em números absolutos e porcentagem. A primeira categoria está relacionada ao bem-estar, e nas duas instituições emergiram quatro subcategorias, sendo a mais relatada para ambas as instituições convivência, com 14 unidades de análise na ILPI A e 9 unidades de análise na ILPI B. A segunda categoria diz respeito ao pertencimento, e nas duas instituições emergiram quatro subcategorias, sendo que a mais destacada na ILPI A foi território, com 10 unidades de análise, e na ILPI B foi a subcategoria participação, com 16 unidades de análise. A terceira categoria se refere ao ambiente, tendo predominado espaços agradáveis na ILPI A, com 6 unidades de análise, e território na ILPI B, com 24 unidades de análise.

Tabela 3 – Frequências das unidades de análise em valor absoluto e porcentagem, separadas por subcategoria e grupo de participantes.

Categorias e subcategorias	Frequência das unidades de análise			
	Moradores ILPI A (n)	Moradores ILPI B (n)	Total (n)	%
Bem-estar (B)				
Atividades (AV)	11	7	18	32%
Convivência (CV)	14	9	23	41%
Autonomia (AU)	4	3	7	13%
Colaborar com a instituição (CI)	4		4	7%
Acolhimento e apoio (ACAP)		4	4	7%
Total	33	23	56	100%
Pertencimento (P)				
Participação (PA)	4	16	20	27%
Adaptação (AD)	7	8	15	21%
Noção de Lar (NL)	8	9	17	23%
Território (TE)	10		10	14%
Relacionamento com outros moradores (RM)		11	11	15%
Total	29	44	73	100%

Ambiente (A)				
Espaços agradáveis (EA)	6	14	20	42%
Independência (ID)	4		4	8%
Território (TE)		24	24	50%
Total	10	38	48	100%

Fonte: Nadir Aparecida Menezes, 2020

A Figura 8 ilustra, através da núvem de palavras, os termos mais frequentes nas respostas dos moradores abarcando as três categorias. O tamanho da palavra é proporcional à sua frequência, ou seja, quanto maior a palavra, mais recorrente ela foi.

Figura 8 - Representação gráfica dos conteúdos expressos pelos moradores. A imagem à esquerda se refere à ILPI A e à direita à ILPI B.

Fonte: Nadir Aparecida Menezes, 2020

No estudo realizado na ILPI A, que atende idosos em vulnerabilidade social, percebe-se que os moradores são gratos pela assistência recebida. Em geral os idosos se mostraram integrados ao ambiente, como demonstrado no domínio bem-estar, ao se revelarem satisfeitos com algumas ressalvas, expressando em vários momentos satisfação, tranquilidade e segurança na casa.

Com relação às atividades nos ambientes coletivos, os moradores em sua grande maioria participam e gostam das atividades desenvolvidas pela entidade beneficente, sendo que muitos descrevem como são realizadas, indicando envolvimento e comprometimento com esses projetos. No item relacionamento com as outras pessoas da casa, há um equilíbrio entre regular, bom e muito bom, sendo que a maioria o considera positivo, afirmando que conseguem relacionar-se bem e formar um laço de amizade com outros moradores. Apesar de sugerirem a formação

de vínculos, contudo, também há relatos de intrigas e dificuldade de relacionamento.

Outros dois aspectos mencionados pelos moradores como importantes para seu bem-estar foram a possibilidade de colaborar com a instituição e o estímulo a autonomia, que lhes dá propósito, os faz sentirem-se úteis e traz alegria ao contribuir com a casa, como relatado:

“Somos nós mesmas que limpamos o quarto. As nossas roupas somos nós que lavamos, nós que cuidamos.” (G., mulher, 87 anos).

Percebe-se também que, com o passar do tempo, tornaram-se mais resilientes frente às adversidades do dia a dia, em grande parte pela sensação de efetivamente pertencerem ao grupo de moradores. Relatam que são ouvidos e respeitados, interagem bem com os outros moradores, voluntários e a equipe e, ainda, que lhes são proporcionados passeios e atividades de lazer (Figura 9), demonstrando que os idosos participam ativamente da rotina e das atividades da instituição.

Figura 9 – Mesa de doces em dia de festa em comemoração ao Halloween na ILPI A.

Fonte: Nadir Aparecida Menezes, 2019.

Os profissionais e voluntários da casa foram elogiados, e os idosos disseram que se sentem seguros e cuidados por eles, notando-se o apreço transmitido através das falas. A sensação de pertencer favorece a satisfação e adaptação do idoso em determinado espaço, promovendo sua apropriação do lugar ao viver ali cotidianamente (BURNS, LAVOIE, ROSE, 2012). Para muitos é custosa a adaptação

as novas condições de moradia, que exige ajustes, por isso a importância de se sentirem seguros e confortáveis no local, fato que contribuirá para que se sintam em casa (HOOF et al, 2016). Isso demonstra sua relação significativa e integração com o ambiente e com os outros moradores e colaboradores.

Para eles a ILPI caracteriza-se como um lar por conta dos laços criados, dos relacionamentos, da proteção e da segurança que a ILPI proporciona, que a tornam um local bom para morar (OLIVEIRA, ROZENDO, 2014). Também porque este lugar lhes assegura sua sobrevivência até a morte, evidenciando que os idosos sentem que aquele é seu lar, como expresso repetidas vezes em falas como:

“Sinto que aqui é a minha casa, as vezes eu saio para a casa da minha irmã de fim de semana e tal, mas eu gosto é de ficar aqui, não vejo a hora de voltar para casa” (E., mulher, 82 anos).

Isso vai de acordo com o estudo de Oliveira e Rozendo (2014), que buscou compreender o significado da ILPI para idosos institucionalizados e concluiu que a instituição pode ser a única opção de moradia para estes, suprimindo suas necessidades humanas, como alimentação, higiene, repouso, cuidado e respeito, ao trazer conforto, estabilidade e segurança para os moradores. Braga, Bestetti e Franco (2016) reafirmam esse argumento ao relacionar os resultados da sua pesquisa à pirâmide hierárquica de Maslow, onde as necessidades básicas ou fisiológicas do ser humano estão no primeiro nível e relacionadas à sua sobrevivência.

Um aspecto significativo foi elogiarem o fato de as poltronas serem personalizadas (Figura 10) e relatam com grande destaque que cada um tem a sua, sendo esse um fator positivo na avaliação, como expresso na fala:

“A minha cadeira é essa, aqui tem lugar marcado” (L., mulher, 82 anos).

Figura 10 – Poltronas individuais na ILPI A.

Fonte: Nadir Aparecida Menezes, 2019.

Percebe-se claramente a importância do território para os moradores, definido não apenas no espaço privado, mas também no coletivo, identificando a importância do domínio sobre o seu território pessoal (Figura 11). Souza (20019 apud VEIGA, FERREIRA, CORDEIRO, 2016, p. 455) corrobora com essa ideia quando afirma que “os territórios possuem uma dimensão política, circunscrita por relações de poder”.

Figura 11 – Quarto coletivo na ILPI A, onde é possível verificar a personalização do território pessoal no espaço coletivo.

Fonte: Nadir Aparecida Menezes, 2019.

⁹ Souza, M. J. L. O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento. In I. E. Castro, P. C. C. Gomes, & R. L. Corrêa (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 77-116.

De acordo com os resultados, 7 dos 10 dos idosos relataram boas condições de conforto ambiental. Foi possível inferir que a maioria dos idosos consideram que a casa oferece um bom espaço coletivo (Figura 12), amplo, arejado, com áreas verdes e espaços para descanso, sendo fácil localizar-se internamente. Os moradores declaram que nos ambientes há boa ventilação e iluminação, inclusive relatam que todos os ambientes são claros e que os corredores são largos, com rampas e corrimãos, sendo que boa parte sente facilidade em circular pela casa, o que lhes garante independência.

Figura 12 – Área de convivência na ILPI A, onde é possível ver algumas das poltronas individuais dos moradores.

Fonte: Nadir Aparecida Menezes, 2019.

Alguns aspectos físicos deixam a desejar, como a altura das poltronas e as mesas e assentos dos refeitórios, que são fixos e em alvenaria (Figura 13), pois trata-se de uma instituição de caráter beneficente que se mantém através de doações, o que justifica o fato de alguns ambientes e equipamentos não estarem totalmente adequados ao uso por indivíduos idosos, embora eles encontrem-se satisfeitos, e declarem terem muito apreço pela instituição. Apesar destes serem apenas alguns elementos do conforto, eles concorrem para que os idosos se sintam seguros e para a manutenção da autonomia e independência, outro item mencionado como importante por eles. Hazin (2012) relaciona conforto ambiental com qualidade de vida,

bem-estar físico e mental, interferindo de forma positiva no comportamento humano, principalmente para o idoso que permanece muito tempo no seu domicílio.

Figura 13 - Refeitório da ILPI A.

Fonte: Nadir Aparecida Menezes, 2019.

Quanto à ILPI B, nota-se que a qualidade do serviço prestado é reconhecida pelos moradores, que avaliaram muito bem todos os domínios. No tocante ao bem-estar, a satisfação é quase unânime, pois expressam prazer, tranquilidade e se sentem acolhidos e felizes em morar naquele local. Revelaram que se sentem privilegiados por morar em uma casa confortável que lhes assegura confiança, proteção, acolhimento e apoio, tendo todas as suas necessidades atendidas prontamente, como expresso na fala:

“Eu sou bem tratado por todo mundo, todo mundo gosta de mim como eu gosto deles.” (R., homem, 74 anos).

Sentem-se independentes por poder circular livremente em locais seguros e acessíveis, e têm sua autonomia preservada ao realizarem suas atividades de acordo com sua vontade. Nascimento e Bestetti (2019) afirmam que viver em um ambiente no qual a pessoa idosa está acostumada favorece sua autonomia e segurança. É importante observar que todos os apartamentos são individuais, com seu próprio banheiro e área de estar, e que há vários ambientes destinados a diferentes atividades

coletivas (biblioteca, cinema, jardim, etc.) (Figuras 14).

Figura 14 – Pátio e jardim externos na ILPI B.

Fonte: Nadir Aparecida Menezes, 2019.

Zaidan (2009¹⁰ apud Duarte, 2014) ressalta que a construção da identidade do idoso está diretamente relacionada ao espaço físico e o processo de reconhecimento do indivíduo com o lugar, resultando em sentimento de comunidade, inclusive pela convivência saudável com os outros moradores, o que também contribui para o bem-estar (LAGER, VAN HOVEN, HUIGEN, 2013; BURNS, LAVOIE, ROSE, 2012).

Conforme demonstrado, os idosos sentem-se bem e pertencentes àquele lugar, não apenas porque têm suas necessidades atendidas, mas também porque fazem parte de um ambiente que preserva sua cultura e tradições. Este resultado era esperado, considerando que muitos idosos vão morar na instituição por necessidades de cuidados, característica semelhante a ILPI A, mas também por opção, por serem membros da comunidade judaica.

Esta identidade comum contribui para que estes idosos sejam capazes de estabelecer vínculos com o lugar e com os outros moradores, tendo sua cultura

¹⁰ ZAIDAN, G. M. C. A Memória marca os limites do universo das representações da temporalidade. **Web revista Página de debates: questões de linguística e linguagem**, Nova Andradina, n. 11, p. 1-13, nov. 2009.

respeitada e preservada através dos rituais, alimentação, festas, etc, (Figura 15) sentindo-se então pertencentes àquele espaço (PEDROSO, 2018), tendo maior facilidade em transformá-lo em lar (PALLASMAA, 2017). Esses fatos, aliados ao elo existente entre a comunidade israelita e ao alto padrão da instituição, permitem que a adaptação e a permanência se tornem mais fáceis e prazerosas, de forma que a maioria reconhece a instituição como seu lar, como expresso na fala:

“Eu sinto que aqui é minha casa, tanto é que quando eu saio, eu falo, ‘eu vou até em casa pegar um negócio’, aqui é a minha casa” (P., mulher, 83 anos).

Figura 15 – Um dos salões para festas e atividades da ILPI B.

Fonte: Nadir Aparecida Menezes, 2019.

Assim como na ILPI A, os idosos da ILPI B, também são engajados nas atividades oferecidas pela instituição (Figuras 16 e 17). No entanto, eles relataram ter vínculos mais fortes com outros moradores, demonstrando um alto entrosamento entre eles ao vivenciarem experiências do cotidiano juntos, o que pode ser explicado em parte por conta da afinidade proveniente da mesma cultura, como relatado por uma moradora:

“Aos sábados nós saímos, eu e mais umas amigas, a gente vai almoçar fora, é muito bacana. É uma união do grupo aqui da casa, sempre da casa.” (P., mulher, 83 anos).

Figura 16 – Quadro com as atividades oferecidas na ILPI B.

Programação do dia		
18 Outubro		
Sexta-Feira		
Horário	Atividade	Local
09h00	Biblioteca/Informática	1º Andar - Biblioteca
09h00	Salão de Beleza	2º Andar
09h00	Coral	1º Andar - Salão Nobre
10h00	Projeto Memória	1º Andar - Sala de TV
11h00	Dança Hebraica	1º Andar - Sala de TV
15h45	Cantando Memórias	1º Andar - Sala Estar - Piano

Fonte: Nadir Aparecida Menezes, 2019.

Figura 17 – Sala de fisioterapia na ILPI B.

Fonte: Nadir Aparecida Menezes, 2019.

Há um alto grau de satisfação com o conforto do ambiente, pois trata-se de uma instituição de alto padrão onde os moradores podem customizar seus apartamentos individuais (Figura 18), garantindo sua privacidade e individualidade. Ainda, segundo relatos, rapidamente são atendidos quanto a qualquer necessidade de manutenção. Por terem vários ambientes, os quartos proporcionam aos moradores a sensação de estarem realmente em suas casas, reconhecendo aquele espaço como seu, o identificando claramente como seu território ao repetirem várias vezes “meu quarto” em diferentes momentos.

Hoof e colaboradores (2016) chegaram a resultados de pesquisa comprovando que os residentes que moram em quartos maiores apresentavam maior grau de satisfação e entendimento de casa, pois lhes é dada a oportunidade de trazer mais objetos pessoais, mantendo desta forma sua privacidade e autonomia. Segundo Van Hees e colaboradores (2017) a sensação de ter seu próprio espaço dentro de um ambiente coletivo representa independência, e permite que os idosos criem suas experiências, memórias, histórias e identidades individuais, desenvolvendo senso de apego ao lugar e de pertencimento. Vale ressaltar que a ILPI B, possui ambientes planejados e mobiliário adequado, seguindo as normas de acessibilidade, isso porque a instituição possui recursos para investir nas instalações, proporcionando vários ambientes agradáveis, tais como o jardim, muitas vezes mencionado.

Figura 18 – Apartamento individual vago na ILPI B, que permite a customização pelos moradores.

Fonte: Nadir Aparecida Menezes, 2019.

5.3 Familiares

Na ILPI A foram entrevistados 10 familiares, sendo 3 homens e 7 mulheres. Nesta instituição encontramos dificuldade na coleta, pois nem todos os idosos tem familiares e os que tem não visitam o seu idoso com frequência. Assim foi necessário ficar na instituição durante alguns períodos no final de semana aguardando o familiar.

Na ILPI B foram entrevistados 10 familiares, sendo 5 homens e 5 mulheres. Nesta instituição os familiares são muito presentes, assim encontramos facilidade nas entrevistas, embora a ocasião de um evento tenha sido propícia para a coleta.

Em relação aos resultados obtidos de entrevistas com familiares, também foi feita uma análise qualitativa das respostas seguindo a técnica de análise de conteúdo. As categorias e subcategorias emergidas e seus respectivos exemplos na íntegra estão descritos no Quadro 2 abaixo, separados por instituição.

Quadro 2 - Categorias e subcategorias: definições, códigos e exemplos das respostas dos familiares.

Categorias: definições e códigos	Subcategorias: códigos e exemplos de trechos extraídos das respostas dos participantes	
	<i>Familiares ILPI A</i>	<i>Familiares ILPI B</i>
Categoria 1: Bem-estar (B) Definição: Nessa categoria estão reunidos os aspectos importantes para os familiares com relação ao bem-estar dos moradores idosos. Refere-se à elementos sensíveis e intangíveis da ambiência, que faz com que os idosos se sintam acolhidos.	Cuidados (CD). Ex: “É importante todo o cuidado com o idoso, desde o cuidado com a saúde, atividades, alimentação, isso é o mais importante pra eles.”	Cuidados (CD). Ex: “Ela é bem assistida [...], eu vejo que ela está cercada de cuidados, que me deixa mais tranquilo do que na minha residência.”
	Atenção (AT). Ex: “O que eu presencio é carinho, é atenção, os remédios sempre na hora certa, eles são muito atenciosos com os idosos.”	Carinho dos Colaboradores (CC). Ex: “O principal diferencial que eu vejo é o carinho, que eles são bem tratados, o carinho que os colaboradores passam para eles. Não são somente funcionários, [...] se importam com eles.”
	Convivência (CV). Ex: “Essa possibilidade de convívio com outras pessoas da mesma faixa etária, eu acho legal isso, não existe uma exclusão, pelo contrário, existe uma inclusão.”	

Categoria 2: Pertencimento (P) Definição: Esta categoria agrupa elementos identificados pelos familiares que caracterizam o quão adaptados e familiarizados estão os idosos, demonstrando seu senso de pertencimento à ILPI.	Adaptação (AD). Ex: “No começo ela estava meio estranha, mas ela já se adaptou bem, ela gosta muito daqui.”	Adaptação (AD). Ex: “Com o tempo ele foi se adaptando, acostumando com o modo de vivência aqui no lar [...], até que agora ele realmente viu que é um lugar que ele possa viver bem e aproveitar o resto da vida que ele possui.”
	Acolhimento (AC). Ex: “A gente tem aquele preconceito asilo, aqui a gente não sente como um asilo, a gente sente como a casa do idoso mesmo, então pra mim aqui é a casa da minha mãe.”	Noção de Lar (NL). Ex: “Ela fala que aqui é o melhor lugar do mundo. Aqui é a casa dela.”
		Participação (PA). Ex: “Em dois meses, ele com 98 anos, remoçou 10 anos, participando de todas as atividades.”
Categoria 3: Ambiente (A) Definição: Nessa categoria estão presentes elementos do espaço físico considerados importantes pelos familiares, além da sensação que a ILPI traz, e a visão deles sobre o que é	Segurança e proteção (SP). Ex: “A questão da segurança, o local tem que estar mesmo adequado pros idosos. Aqui eles estão protegidos.”	Segurança e proteção (SP). Ex: “Eu preferi colocar ela aqui porque aqui é um lugar de confiança, eu sei que ela é bem cuidada.”
	Espaços agradáveis (EAGR). Ex: “Espaço para a gente conversar aqui tem bastante, embaixo das	Espaços agradáveis (EAGR). Ex: “Eu costumo ficar muito perto do aquário, eu adoro aquilo lá e ela gosta

essencial dentro deste ambiente.	árvores, nos bancos aqui fora, em qualquer lugar.”	também, é bom para respirar o ar puro, não só o ar de dentro.”
	Elementos Essenciais (EE). Ex: “Eu acho que ela [a ILPI] tem que ser acolhedora e ter assistências [...], acessibilidade, manutenção e assistência aos idosos, enfermagem, é o que tem aqui, a gente considera a casa muito boa.”	Adaptação do espaço (AE). Ex: “Eu acho essencial é a gente tornar a habitação do idoso como se fosse um prolongamento da casa dele, então é importante ter móveis, quadros, tudo o que lembre a casa dele, pra ele se sentir não como um estranho no ninho.”

Fonte: Nadir Aparecida Menezes, 2020.

As subcategorias mais destacadas em todas as categorias foram as mesmas em ambas as instituições, como pode ser visto na Tabela 4. A primeira categoria está relacionada ao bem-estar, no grupo da ILPI A emergiram três subcategorias e duas no grupo do ILPI B, sendo a mais relatada a importância dos cuidados, com 22 unidades de análise na ILPI A e 18 unidades de análise na ILPI B. A segunda categoria diz respeito ao pertencimento, e a subcategoria mais menções foi a adaptação, com 8 unidades de análise na ILPI A e 10 unidades no ILPI B. Na terceira categoria, que se refere ao ambiente, predominou a segurança e proteção, na ILPI A com 9 unidades de análise e no ILPI B com 10 unidades de análise.

Tabela 4 - Frequências das unidades de análise em valor absoluto e porcentagem, separadas por subcategoria e grupo de participantes.

Categorias e subcategorias	Frequência das unidades de análise			
	Familiares ILPI A (n)	Familiares ILPI B (n)	Total (n)	%
Bem-estar (B)				
Cuidados (CD)	22	18	40	56%
Atenção (AT)	10		10	14%
Convivência (CV)	7		7	10%
Carinho dos colaboradores (CC)		15	15	21%
Total	39	33	72	100%
Pertencimento (P)				
Adaptação (AD)	8	10	18	49%
Acolhimento (AC)	6		6	16%
Noção de lar (NL)		7	7	19%
Participação (PA)		6	6	16%
Total	14	23	37	100%
Ambiente (A)				
Segurança e proteção (SP)	9	10	19	44%
Espaços agradáveis (EA)	4	8	12	28%
Elementos essenciais (EE)	5		5	12%
Adaptação do espaço (AE)		7	7	16%
Total	18	25	43	100%

Fonte: Nadir Aparecida Menezes, 2020

A núvem de palavra ilustrada na Figura 16 traz os termos mais frequentes nas respostas dos familiares abarcando as três categorias. O tamanho da palavra é proporcional a sua frequência, ou seja, quanto maior a palavra, mais recorrente ela foi.

Figura 16 - Representação gráfica dos conteúdos expressos pelos familiares com relação dos domínios bem-estar, pertencimento e ambiente. A imagem à esquerda se refere à ILPI A e à direita ao ILPI B.

Fonte: Nadir Aparecida Menezes, 2020

Assim como no caso dos moradores, os familiares também demonstraram ter percepções semelhantes das instituições. Em ambos os casos, o cuidado se destacou como o elemento principal pensando no bem-estar do idoso, e os familiares relataram sentirem-se seguros ao saber que as instituições prestam uma assistência adequada. Creutzberg e colaboradores (2007) afirmam que a família enxerga na ILPI “a extensão de si mesma para cuidar adequadamente de seu idoso” (CREUTZBERG et al, 2007, p. 151), o que pode explicar esta preocupação dos familiares com o cuidado.

No caso dos familiares da ILPI A, a atenção da equipe e a convivência com outras pessoas também foram vistas como positivas. Isso porque muitos idosos viviam sozinhos ou sem condições de autocuidado, permanecendo em situação de risco, e, portanto, a ida para a ILPI trouxe uma melhora na qualidade de vida e no bem-estar destas pessoas, como relatado por LR (homem):

“Eu fui com ele [idoso] em outros lugares, mas em nenhum outro lugar oferecia essa qualidade de vida que a gente encontra aqui”.

Já os familiares do ILPI B relatam que o carinho dos colaboradores com os idosos traz a tranquilidade de que estão sendo bem tratados:

“A interação é maravilhosa, eles são extremamente atenciosos, estão sempre gentis, com um sorriso, perguntando se precisa de alguma coisa” (I, mulher).

No que diz respeito ao pertencimento dos idosos, novamente os dois grupos

de familiares identificaram a adaptação como algo muito importante para os moradores, comentando que houve uma fase de adaptação ao novo lar, mas que os idosos gostam muito das instituições e já se sentem parte do todo. Os familiares da ILPI A acrescentaram que o acolhimento da instituição também foi muito importante para que isso ocorresse. Em alguns casos, a ILPI pode ser vista como um local que permite o estabelecimento de novos vínculos, diminuindo sentimentos negativos anteriores à institucionalização. Para eles, este novo lar pode ser tão bom ou melhor do que sua família e residência originais (CREUTZBERG et al, 2007).

No caso da ILPI B, os familiares relatam que o conforto e a privacidade proporcionados pelos quartos individuais contribuem para compreensão do idoso daquele lugar como sua casa, além do incentivo à participação social constante com as diversas atividades ofertadas, como relatado por LK (homem):

“Isso também me passa uma tranquilidade, ela não sentiu a mudança, que ela sempre morou num apartamento, na casa dela, tinha as coisas dela. Eu trouxe as coisas dela pra cá, quadros e coisas que ambientassem ela ao local, então ela se sente em casa.”

Para Machado (2018), o controle do ambiente assegurado pelo espaço individual de cada idoso proporciona uma sensação de continuidade e permanência, o que faz com que os moradores entendam ali como seu lar, garantindo o senso de pertencimento.

Quanto ao ambiente da ILPI, ambos os grupos relataram sentirem que os idosos estão seguros e protegidos dentro das instituições, e que as duas casas, ainda que tenham estruturas muito diferentes, oferecem espaços agradáveis que atendem às expectativas de cada grupo. O grupo da ILPI A também mencionou alguns elementos que consideram essenciais para que a ILPI tenha uma ambiência favorável ao idoso, tais como assistência e acolhimento, além de uma estrutura adequada. Já o grupo da ILPI B enfatizou que a adaptação do espaço para que a ILPI se pareça com a casa original do idoso, entendida como uma extensão dela, é importante para que ele se sinta ambientado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora em cenários ambientais muito diferentes, foram identificadas na ILPI A e ILPI B pontos muito semelhantes, tanto com relação aos moradores quanto os familiares. Os resultados da pesquisa demonstram que os domínios citados estão relacionados à ambiência e refletem as relações sociais, que permitem a construção de subjetividades na convivência entre moradores com diferentes culturas e histórias de vida (BESTETTI, 2014). As relações afetivas entre idosos e colaboradores se apresentam bastante próximas e carinhosas, mostrando-se satisfeitos com o cuidado prestado, com o ambiente ao seu redor e com as oportunidades de trocas, atividades e vivências proporcionadas pela instituição, e consideram a instituição como seu lar.

Em ambas as instituições, nota-se que as diferenças nas percepções da ambiência não são muito significativas, mas colaboram para o sentimento de pertencimento. Enquanto na ILPI A os idosos estão limitados a um grande espaço compartilhado, no ILPI B são disponibilizados apartamentos individuais de ótima qualidade e alto padrão, que por eles são reconhecidos como sua casa. Mais uma vez nas falas aparecem a importância da territorialidade para a sensação de pertencimento.

Pallasmaa (2017) retrata Lar como um espaço de moradia onde se expressa a individualidade, a identidade e a personalidade do morador, sendo único e pessoal. Afirma ainda que significa muito mais que um espaço construído, pois agrega valores, sentimentos e memórias, produzindo segurança e conforto. Veiga, Ferreira e Cordeiro (2016) ressaltam que:

“A construção identitária de grande parte das pessoas idosas encontra-se profundamente ancorada nos territórios onde vivem, principalmente quando estas pessoas residem há muito tempo em um mesmo espaço geográfico, no qual vivenciam uma parte muito substantiva do seu cotidiano”. (VEIGA; FERREIRA; CORDEIRO, 2016, p. 453)

Observou-se que, para alguns idosos, é preciso um esforço diário para se adaptarem na nova moradia, pois a existência de normas e horários a serem cumpridos impõe rotinas diárias muito diferentes da sua casa original. Mesmo assim, compreendem que as regras são necessárias para manter a organização e o bom andamento da convivência nos ambientes coletivos.

Embora vivam em contextos diferentes, existe uma semelhança nas

percepções dos moradores e familiares de ambas as ILPIs. Há uma predominância nos conceitos “bom e muito bom” quanto à avaliação dos domínios, demonstrando uma visão muito positiva da ambiência e dos serviços prestados, depositando toda confiança nas equipes.

Os familiares relataram ter os mesmos anseios e expectativas com relação às instituições, priorizando o cuidado como o elemento principal para os idosos. Ainda que muitos tenham relatado a dificuldade do processo de decisão e institucionalização, parece que a opção pela moradia institucional foi uma escolha acertada por conta da necessidade de cuidados do idoso. Eles entendem que a instituição proporciona segurança, conforto e carinho, sentindo-se seguros e confiantes com a atenção recebida, pois acreditam que seus entes estão protegidos e são tratados com dignidade e respeito.

Consideramos que a principal diferença entre os grupos é a força do vínculo entre os familiares e os idosos, sendo que no ILPI B as visitas e interações são constantes, mantendo os laços entre eles fortes, o que também colabora para que os idosos considerem a instituição como sua casa.

Por outro lado, na ILPI A as visitas de familiares são esporádicas por vários motivos, entre eles financeiro, deslocamento, distância etc., portanto o vínculo com os idosos fica prejudicado. Além disso, muitos moradores não têm família ou amigos, construindo laços dentro da própria instituição. Conforme afirma Alcântara (2004), o vínculo com a família deve ser preservado, pois o carinho proporcionado pelos familiares não é substituível pela atenção oferecida pelos profissionais, nem pelos vínculos criados com outros moradores. Na realidade, estes laços podem se complementar e trazer afeto e bem-estar ao idoso.

Um aspecto importante para que isso ocorra é o convívio social dentro da instituição, que deve ser promovido através de atividades, passeios, eventos etc. e ambientes que oportunizem as trocas sociais. Como observado na pesquisa, os grupos de moradores das duas instituições relataram que a oferta de atividades e a possibilidade de escolha são significativos para a formação dos vínculos com outros residentes de forma espontânea, pois assim podem desenvolver relações com aqueles com quem tem mais afinidade.

A ambiência é então fundamental para que todos esses processos se desenvolvam da melhor forma possível dentro da instituição. É fundamental que os

ambientes sejam não só adequados para os idosos, mas que também tragam aconchego, conforto, tranquilidade. Espaços lúdicos, recreativos e contemplativos devem mesclar-se com as áreas destinadas ao cuidado, terapias e assistência.

Neste contexto, podemos caracterizar a ambiência, que abrange os elementos físicos e subjetivos do ambiente, como satisfatória em ambos os casos. A relação deles com a instituição é positiva, a gerando segurança de que serão sempre cuidados e a garantia de que terão uma moradia digna por tempo indeterminado.

A proposta metodológica elaborada e aplicada neste estudo cumpriu o seu propósito ao investigar diferentes ambientes, com o objetivo de caracterizar e comparar as percepções dos moradores e familiares quanto à ambiência, focando no conforto ambiental e sua influência no bem-estar e no senso de pertencimento dos idosos. Ainda assim, ressalta-se que a pesquisa apresentou algumas limitações como um número pequeno de participantes, que não permite tecer considerações mais generalizadas sobre o tema; o protocolo de pesquisa, que deve ser retrabalhado para que seja apresentado de maneira mais objetiva; a escolha dos locais de pesquisa limita os resultados à realidade destes equipamentos, que por localizarem-se em São Paulo possuem uma situação diferenciada de outras instituições no próprio Estado e no país.

Embora a sociedade ainda mantenha seus preconceitos com relação as instituições de longa permanência, é claramente uma alternativa de suporte social, um equipamento que permite ser um “lugar” de encontros de pessoas idosas, que precisam e desejam um lar. Esses modelos de assistência de longo prazo vêm se modificando gradativamente, trazendo um novo perfil do seu morador e uma nova forma de cuidar. Portanto, faz-se necessário o abandono da imagem de que nesse espaço residam idosos desprezados e abandonados pelos seus familiares.

A moradia institucional pode e deve ser compreendida como uma escolha, uma opção de moradia, um lugar onde novas perspectivas e caminhos ainda podem ser trilhados, fazendo a diferença na vida da pessoa idosa, de forma que possa se sentir pertencente àquele lugar (DEZAN, 2015). A busca por ambiências que as tornem lugares desejáveis poderá diminuir o impacto da mudança, caracterizando-as como moradias dignas para idosos em qualquer nível social e de dependência.

Espera-se que este trabalho possa contribuir para o entendimento da importância das ambiências dentro das instituições de longa permanência para

idosos, numa busca constante pela melhora destes espaços, para que proporcionem uma moradia capaz de atender às necessidades físicas, sociais, psicológicas e emocionais de seus moradores, como em um lar, trazendo qualidade de vida e dignidade.

REFERÊNCIAS¹

ALCÂNTARA, A. de O.; CAMARANO, A. A.; GIACOMIN, K. C. (Orgs.). **Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016.

ALCÂNTARA, A. O. **Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos**. Campinas: Grupo Alínea, 2004.

ALVES, M. B. et al. Instituições de longa permanência para idosos: aspectos físico-estruturais e organizacionais. **Esc Anna Nery**, v. 21, n. 4, p. 1-8, 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**, Rio de Janeiro, 2015. 148 p.

BATISTONI, S. S. T. Gerontologia Ambiental: panorama de suas contribuições para a atuação do gerontólogo. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 17, n. 3, p. 647–657, 2014.

BERZINS, M. A. V. da S.; SILVA, N. A. M. E. O enfoque do serviço social. In: Domingues, M. A. et. al (Coord.) **Gerontologia: os desafios nos diversos cenários da atenção**. Barueri: Manole, 2010.p.541-550.

BESTETTI, M. L. T. Ambiência: espaço físico e comportamento. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 17, n. 3, p. 601–610, 2014.

BLUYSSSEN, P. M. Towards an integrated analysis of the indoor environmental factors and its effects on occupants. **Intelligent Buildings International** (online), 2019.

BONICENHA, R. C. Envelhecer, Habitar e o Planejar? Avaliação de Impacto à Saúde no conjunto habitacional Vila dos Idosos. 2019. 220 f. **Tese - Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Gestão do Território**, Universidade Federal do ABC, Santo André, São Paulo, 2019.

BRAGA, A. A., BESTETTI, M. L. T., FRANCO, F. G. DE M. O Conforto na Ambiência de Idosos Moradores em Instituições de Longa Permanência. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 19, n.2, 327-347, 2016.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE, NÚCLEO TÉCNICO DA POLÍTICA NACIONAL DE HUMANIZAÇÃO. **Cartilha da Ambiência**. 2. ed. Brasília- DF: Editora do Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 jan. 2002, p.1.

_____. Lei nº 10.741, de 1 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 3 out. 2003. Seção 1, p.1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm>

_____. Resolução RDC no 283, de 26 de setembro de 2005. **Aprova o Regulamento Técnico que define normas de funcionamento para as Instituições de Longa Permanência para Idosos**. ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2005. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2005/res0283_26_09_2005.html>.

¹ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023 (2002).

BURNS, V. F.; LAVOIE, J. P.; ROSE, D. Revisiting the role of neighbourhood change in social exclusion and inclusion of older people. **J. Aging Res.**, v. 2012, p. 148-287, 2012.

BURZYNSKA, A. Z.; MALININ, L. H. Enriched Environments for Healthy Aging: Qualities of Seniors Housing Designs Promoting Brain and Cognitive Health. **Seniors Housing & Care Journal**, v. 25, n. 1, p. 15-37, 2017.

CAMARANO, A. A.; BARBOSA, P. Instituições de longa permanência para idosos no Brasil: do que se está falando? In: ALCÂNTARA, A. de O.; CAMARANO, A. A.; GIACOMIN, K. C. (Orgs.). **Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016, p. 479 - 514.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. Como as famílias brasileiras estão lidando com idosos que demandam cuidados e quais as perspectivas futuras? A visão mostrada pelas PNADS. In: CAMARANO, A. A. (Ed.). **Cuidados de Longa Duração para a População Idosa: um novo risco social a ser assumido?** Rio de Janeiro: Ipea, 2010, p. 350.

CREUTZBERG, M., GONÇALVES, L. H. T., SOBOTTKA, E. A., SANTOS, B. R. L. A comunicação entre a família e a Instituição de Longa Permanência para Idosos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 10, n. 2, 2007, p. 147-160.

DEZAN, S. Z. O Envelhecimento na Contemporaneidade: reflexões sobre o cuidado em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 14, n. 2, p. 28-42, 2015.

DUARTE, L. M. N. O processo de institucionalização do idoso e as territorialidades: espaço como lugar? **Estudos interdisciplinares de envelhecimento**, v. 19, n. 1, p. 201-217, 2014.

DUTRA, R. R. et al. Refletindo sobre o processo de institucionalização do idoso. **Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção**, v. 1, n. 1, p. 214-223, 3 out. 2016.

HAZIN, M. M. V. **Os espaços residenciais na percepção dos idosos ativos**. 2012. 143 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

HOOFF, J. et. al. The Importance of Personal Possessions for the Development of a Sense of Home of Nursing Home Residents. **Journal of Housing for the Elderly**, v. 30, n. 1, p. 35-51, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Projeção da População 2018: número de habitantes do país deve parar de crescer em 2047**. 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21837-projecao-da-populacao-2018-numero-de-habitantes-do-pais-deve-parar-de-crescer-em-2047>>. Acesso em: 27 fev. 2019.

LAGER, D.; VAN HOVEN, B.; HUIGEN, P. P. P. Dealing with change in old age: negotiation working-class belonging in a neighbourhood in the process of urban renewal in the Netherlands. **Geoforum**, v. 50, p. 54-61, 2013.

LINI, E. V.; PORTELLA, M. R.; DORING, M. Factors associated with the institutionalization of the elderly: a case-control study. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 19, n. 6, p. 1004-1014, dez. 2016.

MACHADO, C. C. **Avaliação da percepção dos usuários de Instituições de Longa Permanência para Idosos**. 2018. 203 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

MAZZAFERRO, D.; BERNHOEFT, R. **Longevidade: Os desafios e as oportunidades de se reinventar**. São Paulo: Évora, 2016.

NASCIMENTO, M. A. S.; BESTETTI, M. L.T. O fenômeno do studentification pela perspectiva de idosos moradores no bairro Bangú em Santo André – SP. In: **RESSENSIBILIZANDO CIDADES: AMBIÊNCIAS URBANAS E SENTIDOS**, 2019. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 2019. p. 54-58.

NASCIMENTO, M. A. S. **Do velho para o novo**: percepções de idosos sobre o processo de studentification, as mudanças sócio-físicas do bairro e o aging in place. 2019. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

NERI, A. L. **Palavras-chave em Gerontologia**. 4. ed. Campinas: Editora Alínea, 2014.

_____. Qualidade de vida na velhice e atendimento domiciliário. In: DIOGO, M. J. D. E.; DUARTE, Y. A. DE O. (Eds.). **Atendimento domiciliar: um enfoque gerontológico**. São Paulo: Atheneu, 2000.

OLIVEIRA, J. M. de; ROZENDO, C. A. Instituição de longa permanência para idosos: um lugar de cuidado para quem não tem opção? **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 67, n. 5, p. 773–779, 2014.

PALLASMAA, J. **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

PAPALÉO NETTO, M. O Estudo da Velhice: Histórico, Definição do Campo e Termos Básicos. In: FREITAS et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013, p. 62-75.

PEDROSO, E. S. R. **Intervalos do Apego – a relação afetiva entre o idoso e a moradia coletiva institucional no Brasil e em Portugal**. 2018. 291 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PEREIRA, R. L.; CONCONE, M. H. V. B. Possibilidades no cuidar: história das familiares-cuidadoras do CERESI. In: LODOVICI, F. M. M. (Org.) **Envelhecimento e Cuidados: uma chave para o viver**. São Paulo: Portal do Envelhecimento, 2018.

PIRHONEN, J.; TIILIKAINEN, E.; PIETILÄ, I. Ruptures of affiliation: Social isolation in assisted living for older people. **Ageing and Society**, v. 38, n. 9, p. 1868–1886, 2018.

REGNIER, V. **Housing Design for an Increasingly Older Population**. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, 2018.

SANTANA, V. C. et al. Novos arranjos familiares: uma breve análise. **EfDeportes.com**, v. 17, n. 177, p. 1–10, 2013.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado de Habitação. **Diretrizes do Desenho Universal na Habitação de Interesse Social no Estado de São Paulo**. São Paulo: CDHU, 2010. Disponível em: <<<http://www.mp.sp.gov.br/portal/page/portal/Cartilhas/manual-desenho-universal.pdf>>. Acesso em: 12 fev 2020.

SILVA, N. A. M. E. da; YAMAGUCHI, M. B. A ILPI como espaço para moradia. In: BESTETTI, M. L. T.; GRAEFF, B. (Eds.). **Habitação e cidade para o envelhecimento digno**. 1. ed. São Paulo: Portal do Envelhecimento, 2017, p.113-128.

SILVA, N. M. et al. Família contemporânea e as (novas) formas de moradia para a pessoa idosa de baixa renda de Araraquara – SP. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS, IV SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS, III CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL, 2019. Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2019. p. 1-15.

SOBRAL, E. R. F. de A. et al. Discussão acerca da Percepção Ambiental, suas Ferramentas e Cognição. **Estudos em Design**, v. 23, n. 3, p. 181–198, 2015.

SOUZA, C. R. F. de; INÁCIO, A. das N. Entre os muros do abrigo: compreensões do processo de institucionalização em idosos abrigados. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 1, p. 209–223, 2017.

TESCH-RÖMER, C.; WAHL, H.-W. Toward a More Comprehensive Concept of Successful Aging: Disability and Care Needs. **The Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences**, v. 72, n. 3, p. 310–318, 2016.

TOMASINI, S. L. V. Envelhecimento e planejamento do ambiente construído: em busca de um enfoque interdisciplinar. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 2, p. 76–88, 2006.

VAN HEES, S. et al. Photovoicing the neighbourhood: Understanding the situated meaning of intangible places for ageing-in-place. **Health & Place**, v. 48, p. 11-19, 2017.

VEIGA, M. R. M.; FERREIRA, S. C. M.; CORDEIRO, A. M. R. Construção De Identidade(s) Na Velhice: Os Territórios Enquanto Marcos Identitários. **Psicol. Soc.**, v. 28, n. 3, p. 453-462, 2016.

VON HARTENTHAL, M. W.; ONO, M. M. O espaço percebido: em busca de uma definição conceitual. **Arquiteturarevista**, v. 7, n. 1, p. 2-8, 2011.

WAHL, H. W.; IWARSSON, S.; OSWALD, F. Aging well and the environment: toward an integrative model and research agenda for the future. **Gerontologist**, v. 52, n. 3, p. 306-16, 2012.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOBRE AMBIÊNCIA E PERGUNTAS ABERTAS PARA OS IDOSOS

QUESTIONÁRIO – AMBIÊNCIA:

Prezado amigo: este questionário não é obrigatório, mas sua opinião sobre o ambiente **é muito importante**. Então, preencheremos os dados solicitados no quadro abaixo e marcaremos com um X, na escala, a resposta que melhor representa sua opinião com relação aos diversos itens apresentados. As informações são sigilosas e servirão para a pesquisa que está sendo desenvolvida pela pesquisadora do Curso de Mestrado em Gerontologia da Universidade de São Paulo. Muito obrigada!

Nome:

Idade:

Sexo: Masculino () Feminino ()

Escolaridade:

- () 1º grau completo
- () 1º grau incompleto
- () 2º grau completo
- () 2º grau incompleto
- () 3º grau completo
- () 3º grau incompleto

• Marque na escala **qual a sua opinião** quanto às questões relacionadas ao **conforto ambiental**.

1. Como o senhor (a) avalia a temperatura nos ambientes da casa?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

2. Como o senhor (a) avalia a iluminação nos ambientes da casa?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

3. Como o senhor (a) avalia a ventilação nos ambientes da casa?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

4. Como o senhor (a) avalia a circulação nos corredores?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

5. Como o senhor (a) avalia a manutenção dos móveis e equipamentos?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

• Marque na escala **qual a sua opinião** quanto às questões relacionadas ao **bem-estar**:

1. Como o senhor (a) avalia o conforto das poltronas da residência?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

2. Como o senhor (a) avalia o conforto das cadeiras do refeitório?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

3. Como o senhor (a) avalia os desníveis entre os ambientes?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

4. Como o senhor (a) avalia a circulação entre os ambientes?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

5. Como o senhor (a) avalia o seu bem-estar na moradia?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Marque na escala **qual a sua opinião** quanto às questões relacionadas ao **pertencimento**.

1. Como o senhor (a) avalia o atendimento às suas sugestões e solicitações?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

2. Como o senhor (a) avalia a simpatia dos profissionais da casa?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

3. Como o senhor (a) avalia a equipe na valorização do morador?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

4. Como o senhor (a) avalia as atividades nos ambientes coletivos?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

5. Como o senhor (a) avalia o relacionamento com outras pessoas na moradia?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Observações

Escala de Faces que será mostrada ao entrevistado para que escolha a expressão, número ou conceito mais adequados para cada questão.

QUESTIONÁRIO ABERTO IDOSOS:

- 1 - Como é um "lar" para o senhor(a)?
- 2 - O senhor(a) se sente em casa morando aqui?
- 3 - Qual ambiente o senhor(a) prefere para receber seus amigos/familiares?
- 4 - Como o senhor(a) se sente compartilhando sua casa com outros moradores?
- 5 - O senhor(a) consegue se localizar bem dentro da instituição?
- 6 - Onde o senhor(a) encontra paz e espiritualidade na moradia?
- 7 - Qual ambiente (aberto ou fechado) que mais o agrada e qual o desagrada na moradia?
- 8 - Qual sua atividade de lazer preferida?
- 9 - Qual a frequência de passeios e qual o destino preferido?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO COM PERGUNTAS ABERTAS PARA OS FAMILIARES

Questionário aberto familiares:

- 1 - Como o senhor(a) define uma moradia exclusiva para idosos?
- 2 - O que é importante dentro de uma moradia?
- 3 - Como o senhor(a) define “lar”?
- 4 - O senhor(a) considera que os idosos são acolhidos com carinho pelos colaboradores?
- 5 - Seu familiar idoso relata suas vivências na moradia institucional?
- 6 - Em quais espaços acontecem seus encontros?
- 7 – Quais cuidados o senhor(a) considera essenciais na assistência a um idoso?
- 8 - O senhor(a) se sente acolhido nos momentos de visita?
- 9 - O senhor(a) considera que os idosos estão protegidos ou isolados?
- 10 - O que motivou a mudança do idoso para a ILPI?
- 11 - Qual a frequência das suas visitas?
- 12 - O senhor(a) considera que seu familiar idoso está adaptado na ILPI?

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Nadir Aparecida Menezes Estevam da Silva, mestranda em Gerontologia da EACH/USP, juntamente com a Prof. Dra. Maria Luisa Trindade Bestetti, realizamos uma pesquisa com o tema “Ambiência em Instituições de Longa Permanência para Idosos: análise de percepções dos moradores e familiares”, cujo objetivo principal é verificar como esses atores sociais avaliam os espaços de moradia tanto na condição física quanto emocional do lugar, considerando a construção de vínculos e o bem-estar.

Essa pesquisa implica riscos mínimos de constrangimento psicológico. Nenhum dado pessoal como nome, endereço ou telefone, serão divulgados. Nos comprometemos a respeitar seu direito de participar ou deixar de participar do estudo, sem que isso lhe traga algum prejuízo, bem como de interromper a conversa, caso sinta-se incomodado (a) em continuá-la.

Caso aceite participar, faremos algumas perguntas com o auxílio de um questionário. Esta entrevista será gravada e transcrita, e as informações prestadas pelo (a) senhor (a) serão divulgados em eventos e trabalhos científicos. Ao participar desta pesquisa, o (a) senhor (a) estará contribuindo para o entendimento da relação entre o ambiente construído e as relações sociais de idosos, refletindo sobre o bem-estar e a importância da ambiência na moradia, permitindo assim o avanço dos estudos na área da Gerontologia Ambiental.

Obrigada pela atenção.

Nadir Aparecida Menezes Estevam da Silva
Mestranda em Gerontologia – EACH/USP

Eu, _____, após ter lido e compreendido as informações acima, concordo em participar desta pesquisa, concedendo a entrevista e permitindo seu registro. Estou ciente dos meus direitos relacionados acima e que estes serão respeitados pelos pesquisadores. Confirmando que recebi uma cópia deste documento.

São Paulo, _____ de _____ de 2019.

Assinatura do (a) entrevistado (a)

Contatos:

Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos - Telefone: 11 3091-1046

Nadir Aparecida Menezes Estevam da Silva - E-mail: nadir.estevam@usp.br / Telefone: 11 5549-1903

**ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA ESCOLA DE
ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
(EACH-USP)**

USP - ESCOLA DE ARTES,
CIÊNCIAS E HUMANIDADES
DA UNIVERSIDADE DE SÃO

Continuação do Parecer: 3.043.381

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1235215.pdf	26/10/2018 11:43:00		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_5.pdf	26/10/2018 11:42:01	NADIR APARECIDA MENEZES ESTEVAM DA SILVA	Aceito
Outros	Carta_ILPI.doc	26/10/2018 11:30:42	NADIR APARECIDA MENEZES ESTEVAM DA SILVA	Aceito
Outros	Carta_Bia.pdf	26/10/2018 11:26:05	NADIR APARECIDA MENEZES ESTEVAM DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Nadir.docx	26/10/2018 11:24:13	NADIR APARECIDA MENEZES ESTEVAM DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_CEP.pdf	26/10/2018 10:48:42	NADIR APARECIDA MENEZES ESTEVAM DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 28 de Novembro de 2018

Assinado por:

Beatriz Aparecida Ozello Gutierrez
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Arlindo Bettio, nº 1000

Bairro: Ermelino Matarazzo

CEP: 03.828-000

UF: SP Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-1046

E-mail: cep-each@usp.br

ANEXO B – CARTA DE ACEITE DO RESIDENCIAL ISRAELITA ALBERT EINSTEIN

São Paulo, 22 de outubro de 2019.

À responsável pela ILPI Residencial Israelita Albert Einstein
Sr(a) Nivia Pires

Encaminho para apreciação de V.Sa. o projeto de pesquisa intitulado:
**“AMBIÊNCIA EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA
IDOSOS: ANÁLISE DE PERCEPÇÕES DOS MORADORES E FAMILIARES”**,
sob a responsabilidade da pesquisadora Nadir Aparecida Menezes Estevam da
Silva, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Luisa Trindade Bestetti, com a
finalidade de realizar entrevistas com moradores e familiares que se disponham
à atividade, respeitando conveniências e com assinatura do Termo de
Consentimento Livre e Esclarecido, igualmente em anexo.

Atenciosamente,

Nadir Aparecida Menezes Estevam da Silva
Discente no Programa de Mestrado em Gerontologia
Escola de Artes, Ciências e Humanidades
Universidade de São Paulo

Ciente e de acordo,

Sr(a) Nivia Pires
(Gerente)
ILPI Residencial Israelita Albert Einstein

ANEXO C – CARTA DE ACEITE DA CASA DOS VELHINHOS DE ONDINA LOBO

São Paulo, 22 de novembro de 2019.

Ao responsável pela ILPI Casa de Idosos Ondina Lobo
Sr. Paulo Roberto da Costa Coelho

Encaminho para apreciação de V.Sª. o projeto de pesquisa intitulado: **"AMBIÊNCIA EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS: ANÁLISE DE PERCEPÇÕES DOS MORADORES E FAMILIARES"**, sob a responsabilidade da pesquisadora Nadir Aparecida Menezes Estevam da Silva, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Luisa Trindade Bestetti, com a finalidade de realizar entrevistas com moradores e familiares que se disponham à atividade, respeitando conveniências e com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, igualmente em anexo.

Atenciosamente,

Nadir Aparecida Menezes Estevam da Silva
Discente no Programa de Mestrado em Gerontologia
Escola de Artes, Ciências e Humanidades
Universidade de São Paulo

Ciente e de acordo,

Sr. Paulo Roberto da Costa Coelho
(Responsável Legal)
Casa de Idosos Ondina Lobo